

vou te contar

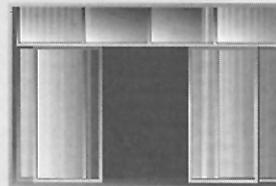
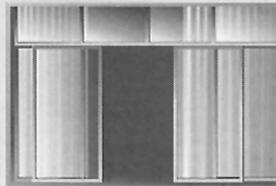
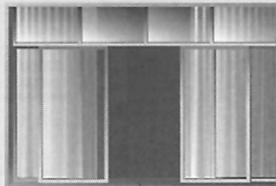
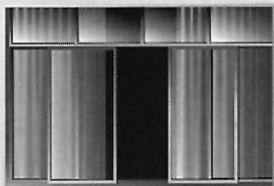
A REVISTA DO CENSO 2000

“O país é este”

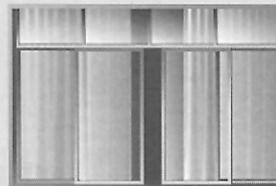
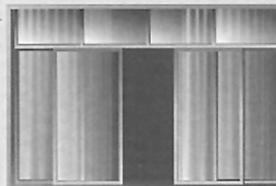
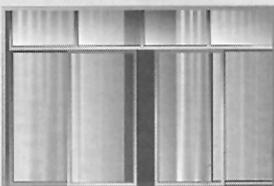
IBGE lança vídeo
com os dados do
Censo 2000

*“Com esse trabalho, eu
descobri a importância
do IBGE”*

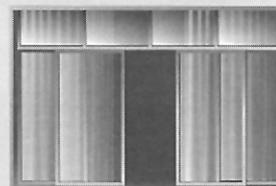
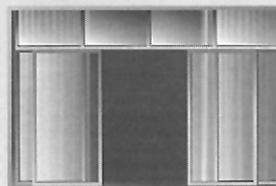
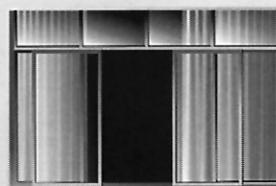
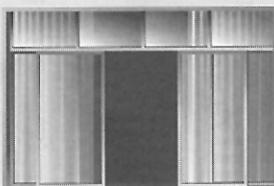
Marcos Palmeira



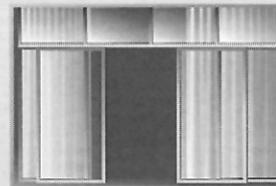
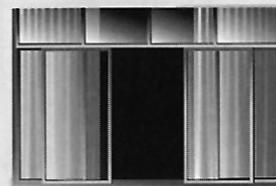
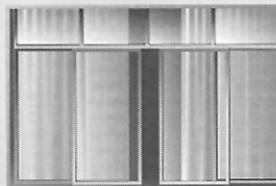
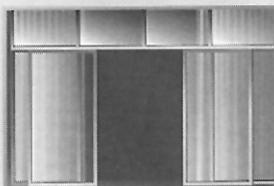
O ATUAL,



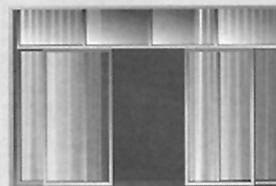
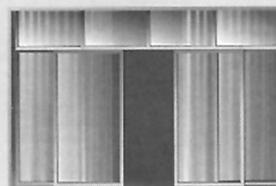
NO ECONÔMICO



E NO SOCIAL.



Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001



Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Brasil - publicação impressa
Síntese de Indicadores - publicação impressa com CD-ROM

Este é o nosso país



Foto: Alvaro Vasconcellos

Somos quase 170 milhões vivendo em 27 unidades da federação, 5.507 municípios e 54 milhões de domicílios. Registramos uma queda de 24,4% no número de pessoas com 10 anos ou mais de idade consideradas analfabetas e uma redução na taxa de mortalidade infantil: 29,6 óbitos para cada 1.000 crianças contra 48 em 1991. Da população economicamente ativa, 17,3% trabalha no setor de comércio e 93% dos domicílios têm iluminação elétrica. A maioria da população é branca (53,8%) e predominantemente católica (73,8%).

Este é o Brasil? Sim, por enquanto o Brasil é este, com esses e outros resultados do Censo Demográfico 2000 tão bem retratados no documentário

“O país é este”, dirigido pelo cineasta Zelito Vianna e que a **Vou te contar** traz para você.

A cobertura completa da primeira exibição do vídeo na festa em homenagem aos funcionários com 20, 30 e 40 anos de trabalho no IBGE e no evento “UFRJ debate o Censo 2000” está na **Matéria de capa** desta edição, junto com uma entrevista exclusiva com o ator Marcos Palmeira, apresentador do documentário.

Na seção **Espaço aberto**, Rosemary Barber-Madden, representante do Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP) no Brasil, Argentina e Uruguai, fala sobre a parceria do FNUAP com o Censo Comum no Mercosul, projetos desenvolvidos e as vantagens para

ambos os lados de se trabalhar em conjunto.

Para falar sobre como é estar à frente de uma instituição que planejou, organizou e executou um censo de dimensões continentais que se concretizou como um empreendimento de sucesso, eu fui convidado. Confira a entrevista na seção **Gente contando gente**.

Leia também o atendimento à imprensa na seção **Nos Estados**; o lançamento do “Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil” - destaque do **Censo em Foco**; a tabulação de dados do Censo 2000 na seção **Reportagem** e informações sobre o Censo 2002 no Paraguai na seção **Atualidades**.

Para terminar, tem o ponto-de-vista de alguns jornalistas da grande imprensa que há dois anos acompanham o Censo 2000 passo a passo, colocando a pesquisa sempre em pauta nas redações. E transformam números, gráficos e tabelas em notas, colunas, reportagens e matérias de capa, aproximando o Censo 2000 do público leitor. Assim como a **Vou te contar** que mais uma vez cumpre seu papel de mediadora entre a instituição e os bastidores da maior operação censitária do país.

Tenham todos uma excelente leitura!

Sérgio Besserman Vianna

Sérgio Besserman Vianna
Presidente do IBGE

sumário

- 3 Editorial** – mensagem do presidente do IBGE, Sérgio Besserman Vianna
- 5 Conta-gotas** – notas sobre o Censo no mundo
- 6 Matéria de capa** – o ator Marcos Palmeira fala sobre sua participação no documentário “O país é este”, com os dados do Censo 2000, apresentado na festa em homenagem aos funcionários do IBGE
- 12 Espaço aberto** – a representante do FNUAP no Brasil, Rosemary Barber-Madden, fala sobre a parceria do Fundo com o projeto Censo Comum no Mercosul
- 15 Gente contando gente** – como é dirigir o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nas palavras do presidente Sérgio Besserman Vianna
- 19 Nos estados** – a opinião dos cinco novos chefes das Unidades Estaduais de Pesquisa sobre a divulgação dos dados do Censo 2000 nos estados
- 22 Reportagem** – o processo de tabulação dos dados do Censo 2000 que requer atenção, observação e conhecimento
- 24 Registro** – o encerramento dos Centros de Captura de Dados e os novos produtos de geoprocessamento
- 26 Censo em foco** – o lançamento da publicação “Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil”
- 30 Atualidades** – a operação de coleta do Censo 2002 no Paraguai na entrevista com Juana Mora, chefe do Centro de Informação Estatística do DGEEC
- 32 Ponto de vista** – a **Vou te contar** entrevista os jornalistas que transformam o Censo 2000 em notícia

expediente

Vou te contar – Revista do Censo 2000 - Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI

Gerência de Promoção e Publicidade

Rua General Canabarro, 706/4º andar – Maracanã – Rio de Janeiro – RJ - 20271-201

Tel.: (21) 2514-0123 r. 3597/3547 Fax.: (21) 2514-0257

www.ibge.gov.br

e-mail: voutecontar@ibge.gov.br

Gerente de Promoção e Publicidade: Lúcia Regina Dias Guimarães

Coordenadora do projeto e editora: Rose Barros (Mtb. RJ 20.342)

Redação: Aglália Tavares, Marília Loschi, Rose Barros e Valéria Vianna

Projeto Gráfico: Jorge Luís P. Rodrigues e Helga Szpiz

Capa: Ubiratã O. dos Santos

Ilustrações: Luiz Agner

Diagramação: Helga Szpiz

Tiragem: 6 000 exemplares

Permitida a reprodução das matérias e das ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.

Medindo o conforto

Um dos principais objetivos do Censo 2000 em Cabo Verde foi medir o nível de conforto das famílias que lá vivem. Após análises, o Instituto Nacional de Estatística local selecionou as variáveis mais importantes recomendadas pelas Nações Unidas, como, por exemplo, tipo de material utilizado nas paredes exteriores, cobertura e pavimento; ano de construção do domicílio; número, tamanho e composição de cada cômodo; fonte de energia para o preparo dos alimentos e para iluminação etc.

Também para medir o conforto, o Censo 2000 pesquisou a posse de alguns bens como rádio, televisão e automóvel pela família para avaliar se constitui uma audiência em potencial, além de verificar sua capacidade de deslocamento. Segundo informações do instituto, se a maioria das famílias tem casa própria, um número de cômodos adequado ao número de componentes, e alguns bens como rádio, televisão e carro, é sinal de que dispõem de um bom nível de conforto.

Com 434.812 habitantes, o arquipélago de Cabo Verde está localizado no continente africano, formando um total de dez ilhas vulcânicas, sendo nove habitadas. São Tiago é a maior e com o maior número de habitantes. Em 2000, de cada 100 pessoas, 54 residiam na ilha, cuja densidade populacional é de 237,9 hab/Km².



Ilustrações: Luiz Agner

Dois em um

Dois censos num só. Assim foi realizada a operação censitária na República de Maurício (conhecida como Ilhas Maurício). O primeiro, intitulado “Censo de domicílios” foi conduzido de fevereiro a junho de 2000. Já o segundo – “Censo de população” – começou em junho, terminando em julho do mesmo ano. A principal razão para adotar tal procedimento foi obter a lista de nomes e endereços dos chefes de domicílios que serviria à segunda coleta.

Os primeiros resultados já estão disponíveis na Internet, no *site* do *bureau* oficial de estatística do país (<http://ncb.intnet.mu/cso.htm>). A população residente das ilhas totaliza 1.178.848 pessoas, sendo 583.756 homens e 595.092 mulheres.



Arquipélago formado por uma ilha principal, cujo nome homenageia o príncipe Maurício de Nassau, e várias ilhotas espalhadas no Oceano Índico, a república fica localizada no sudeste da África, a 800 Km de Madagascar. Sua economia é baseada na indústria têxtil, a principal do país, e no turismo, favorecido pela natureza que conta com lagoas de água salgada e recifes de coral.

Censo e os tufões

Na Ilha de Guam, o Censo 2000 não quis só saber quantos lá vivem, quem são e o que fazem. Quis saber também o número de habitantes que moram em locais considerados de risco em relação à ocorrência de tufões. Segundo informações sobre a pesquisa no *site* do Departamento de Comércio da Ilha (www.admin.gov.gu), ao revelar o total de pessoas que vivem em áreas propensas à passagem de tufões, o Censo estaria ajudando as autoridades.

Por sua localização - ao norte do Oceano Pacífico, entre o Havá e as Filipinas - a Ilha de Guam é propícia à ocorrência de desastres naturais como tufões e furacões que periodicamente atingem a região. O último grande tufão que arrasou a ilha chama-se Paka e passou em dezembro de 1997, causando vários estragos.

Com uma população estimada em 150 mil habitantes, a Ilha de Guam é território norte-americano não incorporado ao continente. Por conta disso, os Estados Unidos dividem a responsabilidade na condução dos últimos censos realizados por lá com o governo local. A operação de coleta do Censo 2000 foi realizada no mesmo dia que a do censo americano, 1º de abril.





É este o país?

É, é este.

Diretor de “Villa Lobos” e “Morte e Vida Severina”, Zelito Vianna dirige o documentário “O país é este” e leva para a tela os dados do Censo 2000.

O IBGE queria fazer um vídeo sobre os dados do Censo 2000. Pensou, pensou, pensou e decidiu chamar o cineasta Zelito Vianna, diretor de filmes como “Villa Lobos”, “Morte e Vida Severina” e “Terra de Índios”, para realizar o projeto. Este, por sua vez, chamou o ator Marcos Palmeira para ser o âncora do documentário.

Pois bem. “O país é este”, nome do documentário, não só foi bem recebido, quando exibido pela primeira vez em ocasião propícia, como ainda serviu de tema para debate na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quem assiste ao vídeo, aliás, não esconde o entusiasmo e geralmente se pergunta: “mas esse filme não vai passar em outros lugares?” A idéia mais freqüente que vem à cabeça dos espectadores é a de que o vídeo deveria percorrer as escolas, ser levado às salas de aula, como reforço didático. Ou ainda, ser exibido nas emissoras de TV. São idéias! Está lançada a dica.

Primeira Exibição

O documentário “O país é este” foi exibido pela primeira vez na festa em homenagem aos funcionários com 20, 30 e 40 anos de

trabalho no IBGE. A apresentação aconteceu no Teatro Sesi, Centro do Rio, no dia 22 de agosto e teve uma excelente resposta do público. Aliás, não poderia mesmo ter sido melhor. Em muitos momentos, os espectadores soltaram estrondosas gargalhadas; em outros, mantiveram um silêncio emocionado. No final da exibição, a **Vou te contar** procurou saber de alguns homenageados o que eles sentiram ao assistir ao vídeo. Se gostaram, que cenas chamaram mais a atenção, enfim, o que acharam. Leia os depoimentos a respeito:

Marcos Serrão, 20 anos de IBGE, Unidade Estadual-RJ (UE) – “Gostei porque está mostrando a informação do Censo 2000 não só para as pessoas da casa, mas para o público de fora também”.

Cássia Motta, 20 anos de IBGE, Diretoria de Pesquisas (DPE) – “Achei muito bom! Excelente! Ele falou de todos os elementos da pesquisa, com humor, graça e realidade”.

Rodolfo Pinto, 20 anos de IBGE, Diretoria Executiva (DE) – “Gostei porque está retratando a realidade da nossa vida. Todo Censo

mostra a realidade e para nós que trabalhamos com isso, com pesquisa, muito do que foi dito ali já sabemos, mas para o público de fora está perfeito. Mostrou muito bem”.

Sônia de Oliveira, 20 anos de IBGE (UE-RJ) – “Achei um show! Me apaixonei. Principalmente por mostrar a situação econômica real do país. Aquele rapaz que é mostrado no vídeo que comprou a casa vendendo tudo o que tinha. A maneira simples de ele expor. E tudo fruto de trabalho. E também os índices apresentados que só melhoraram. Achei o documentário fantástico”.

Paulo Augusto Gueiros, 30 anos de IBGE (DE) – “Achei excelente! De uma qualidade... Retrata bem o momento atual brasileiro, com muito sentimento e envolvimento. E ainda procurou colocar humor. O Zelito foi muito feliz. Ele não se fixou só nos números, mas mostrou o lado humano”.

Manoel Antonio Soares da Cunha, homenageado especial – “Olha, eu achei que podia ser mais longo. Mas isso para mim, porque para o público de fora foi bom, condensou bastante. Gostei da

forma de apresentação, tanto da parte do Marcos Palmeira quanto do Zelito. Mas o que eu mais gostei foi de o vídeo ter sido feito no interior com gente simples. Essa história de tecnocrata atrás de uma mesa só anotando números é papo para surdo”.

Luiz Gonzaga, 20 anos, Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI) – “Maravilhoso, fantástico. O documentário mostra bem o contraste do país, que foi o que mais me emocionou, quando aparece o empresário completamente por fora da realidade brasileira, enquanto aquele outro homem humilde, que vendeu tudo para comprar a casa, tinha mais vivência de Brasil do que ele”.

José Carlos Barreiro, homenageado especial – “Achei excelente. Retrata o básico que o público precisa saber dos resultados. Aquela cena entre o Marcos Palmeira e aquele cidadão que vendeu tudo para comprar a casa, se tivesse um script feito por um roteirista não teria saído com tanta perfeição. Foi autêntico e ele disse tudo. Gostei muito daquilo”.

Marlio Fábio Pelucio, homenageado especial – “Maravilhoso. O documentário é um exemplo do que falta ao IBGE, que é sair mais de si e atingir a massa. Acho, inclusive, que esse vídeo deveria ser mostrado nas escolas. Penso também que no documentário, pelo que foi mostrado, fica implícita a dificuldade do ibegeano de chegar a essa gente, a dificuldade de acesso e de trabalho”.

Paulo Roberto Cardoso, 20 anos de IBGE (DPE) – “Achei interessante porque retrata a realidade do Brasil. Aquele homem simples que aparece falando, quase que

num dialeto próprio, da felicidade da compra da casa através do seu trabalho. Tem vezes que a gente nem entende direito o que ele fala. Muito bom”.

Rita de Cássia Costa, 20 anos de IBGE, Diretoria de Geociências (DGC) – “Gostei muito. E me emocionei com aquela parte do senhor que conta como comprou a casa, com aquela humildade. Palavras simples, mas verdadeiras”.

Wanderlei Sabino, 20 anos, CDDI - “Maravilhoso. Muito bom. Serve para esclarecer as pessoas sobre a realidade brasileira. Acho que passou uma mensagem muito boa. E teve uma parte que me emocionou muito, quando aparece aquela senhora que vive numa casa caindo, mas que dá graças a Deus porque a casa é dela”.

Rosane Moreno, 20 anos de IBGE (DGC) – “Adorei e tenho curiosidade de saber se vai passar em outros lugares fora do IBGE. Dá vontade de ver de novo, de divulgar esse vídeo. Ali deu pra ver um pouco a criatividade do povo brasileiro, que apesar de tudo é um povo super alegre. Me deu orgulho de ser brasileira. Outra coisa importante foi que mostrou a distância entre quem tem muito e quem tem pouco”.

Marcos Gomes, 30 anos de IBGE, Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE) – “Achei muito bom, maravilhoso, porque retrata a importância dos dados do IBGE. Particularmente, o que me impressionou foram as condições das pessoas que vivem nas regiões mais pobres do país, as dificuldades que elas passam em termos sociais e financeiros e os relatos que deram sobre suas carências de moradia, de vida etc. Eu não sabia que era tanto assim. Foi uma surpresa”.

Marcus Vinícius Nogueira, 20 anos de IBGE, Diretoria de Informática (DI) – “Eu gostei. Tive uma impressão bastante favorável. O filme deu bem a idéia do que é o Censo para uma pessoa leiga. E conseguiu passar a dimensão real do trabalho do IBGE. Gostei muito”.

UFRJ e Censo: documentário incita o debate

“A UFRJ debate o Censo 2000”.

Sob este tema, aconteceu no dia 27 de agosto no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, no campus da Praia Vermelha, Urca, uma apresentação seguida de debate do documentário “O país é este”, do cineasta Zelito Vianna, que reuniu quase 100 pessoas.

Com a presença do economista e reitor da universidade, Carlos Lessa, do presidente do IBGE, Sérgio Besserman Vianna, do sociólogo da Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro (IUPERJ), Wanderley Guilherme dos Santos, da antropóloga do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) e do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (IFCS), Regina Novaes, e do próprio Zelito Vianna, o público teve uma visão clara, concreta, do que é exercer a cidadania através da palavra de ordem do nosso século: informação.

Ouvidos mais atentos puderam perceber na fala de todos os palestrantes que, sem um conhecimento profundo de nosso país e de nós brasileiros, não há como trilhar o caminho do crescimento e do desenvolvimento. E, principalmente, de que só por intermédio do diálogo e da troca de experiências isso é possível.

O primeiro a exercitar essa troca foi Carlos Lessa, que pelo

documentário apresentado concluiu duas coisas: “que a situação do Brasil é preocupante, mas em sua trajetória está avançando”, ou seja, que mal ou bem o país progride. Como não podia deixar de ser, seu discurso enveredou pela educação, aproveitando para citar a fala de Sérgio Besserman no filme, onde o presidente diz que a população precisa ter mais acesso à escolaridade.

Continuando seu raciocínio, Sérgio Besserman ressaltou a questão da desigualdade no Brasil,

que é muito séria. “Hoje, no Brasil, nós temos vários tipos de desigualdade”, mas as duas primeiras seriam a desigualdade de renda e a desigualdade racial, segundo ele. “Quando você pensa que, no Brasil, 33% da população vive abaixo da linha de pobreza, quando com a nossa renda per capita essa linha de pobreza deveria estar em torno de 8%, você tem uma visão gritante do nível de desigualdade vivido em nosso país”.

A antropóloga Regina Novaes preferiu começar suas consi-

derações falando do documentário propriamente dito. Ela lembrou que o “Zelito está sempre aliando cinema ao conhecimento e à pesquisa” e que nesse vídeo, especificamente, “a gente percebe a importância dos números não transformados em fetiche, mas dos números chamando para o diálogo, para o debate”.

Para Novaes, o filme possibilitou a reflexão dos números por uma outra ótica. “Por exemplo, aquele senhor que aparece no filme vendendo tudo o que tem – até um derradeiro peru – para comprar a casa. Trata-se de um cálculo muito específico, não? Qual o economista que poderia mensurar esse cálculo? É um cálculo imensurável”.

“E o IBGE – continua ela – nos ajuda a refletir o Brasil, a interpretar os números e parar para pensarmos: sim, 95% das crianças na escola, mas que escola? O brasileiro vivendo mais, mas que velhice? Esse documentário nos leva a refletir sobre que país é este”.

Surpreso, surpreso de verdade, ficou Wanderley Guilherme dos Santos, que jamais pensou que se pudesse fazer um vídeo sobre o Censo de um jeito “bem-humorado e informativo ao mesmo tempo”.

De fato, o filme o levou a pensar que se temos um progresso do saneamento, temos uma melhoria da saúde, com melhoria da saúde, menos crianças morrem e a pressão para que haja mais escolas para receber essa demanda de crianças aumenta. Para ele, o interessante é fazer essas relações dos números, das quantidades que vemos nos resultados do Censo. “E prestar atenção no tempo. Existe um tempo de retorno diferente da educação para um tempo de retorno de uma hidrelétrica, por exemplo. É um tempo próprio”.

O cineasta Zelito Vianna dirigiu o documentário “O país é este”, exibido pela primeira vez na festa em homenagem aos funcionários do IBGE com 20, 30 e 40 anos de trabalho.



Último a falar, Zelito cita, como Lessa já o fizera, a fala de Sérgio Besserman no filme que, segundo o cineasta, diz tudo: que “não é só dar educação, mas também dar cultura” ao povo brasileiro. Porque o caminho da cultura é o caminho do conhecimento. “A gente precisa se conhecer mais, porque só conhecendo a realidade é que a gente a transforma. E o filme foi feito com esse objetivo, de divulgar, de fazer conhecer, de instigar o debate, provocar o desejo de mudanças. Foi esse o objetivo”.

Marcos Palmeira: cidadão popular

Chegamos ao prédio onde mora o Guma, não, quer dizer, Marcos Palmeira, às 16h20 de uma quinta-feira de céu claro. O porteiro interfona. “O Seu Marcos Palmeira não está em casa, vocês marcaram com ele? Sim, marcamos. A moça que trabalha para ele vai ligar para o celular e avisar que vocês estão aqui. A gente espera, não tem problema. Estamos adiantados, mesmo”.

Minutos passando. Tic-tac, tic-tac, tic-tac. Na verdade, poucos minutos.

Logo depois, a campainha do portão da garagem toca e o nosso

entrevistado entra dirigindo seu carro vermelho. Sorridente, acena para nós.

A impressão que ele nos dá é que já nos conhece faz tempo. Sujeito legal. Um cara simples.

A razão de estarmos interrompendo a rotina atribulada de ensaio teatral, gravação de novela e academia de ginástica (ele estava na academia, quando chegamos) era uma só: a participação de Marcos Palmeira como âncora no documentário realizado por seu pai, Zelito Vianna, para o IBGE.

O vídeo institucional “O país é este”, baseado nos resultados do Censo 2000, ganhou ares de fita de cinema ao contar com a figura simpática, carismática e entusiasmada de Marcos Palmeira, aliada à larga experiência de um cineasta competente como o Zelito.

Bingo! Deu certo.

E a **Vou te contar** não poderia deixar de ouvir como foi para o cidadão Marcos Palmeira fazer esse trabalho.

Confira você também, amigo leitor.

Vou te Contar - *Você diz que quando saiu para fazer as filmagens do documentário, o personagem Guma estava muito presente ainda na cabeça das pessoas, apesar de passados dois meses do término da novela. Diante disso, lhe perguntamos:*

você tem uma real dimensão da imagem positiva que você passa como cidadão, por conta dos personagens que interpreta?

Marcos Palmeira - Eu sempre falo que os personagens são muito mais interessantes do que a gente. Então, é normal... as pessoas confundem muito, é claro que acaba ajudando muito a nossa imagem também, mas nem todo o artista é o que o personagem é. Por acaso, eu até tenho algumas coisas muito fortes dos meus personagens e isso também acaba ajudando os personagens, eu acabo passando uma certa credibilidade aos personagens e ganhando credibilidade na vida como Marcos, pelos personagens que são pessoas éticas, que têm consciência.

Vou te Contar - *Antes de fazer o documentário “O país é este”, qual era o seu conceito em relação ao IBGE? E o que mudou nesse conceito, se é que mudou?*

MP - Eu achava o IBGE uma coisa muito chata. Números, 2%, 2,5%, 1,5% de mulheres grávidas, 1,4% de pais de família, e isso não me dizia nada. Mas sei da história do IBGE, que parece que é o único órgão que passou pela ditadura incólume. Nunca ouvi ninguém falar mal do IBGE no sentido de favorecer alguma informação.



Apresentador do vídeo, o ator Marcos Palmeira fala sobre como seu conceito em relação ao IBGE mudou após o trabalho.

Vou te Contar – Transparência?

MP – É, de ser um órgão transparente. Isso é uma coisa positiva. E com esse trabalho, eu descobri a importância do IBGE e como é importante quebrar essa barreira dos números para a gente tentar trazer o entendimento. Levar o IBGE para dentro das escolas, entender o que quer dizer 1,3%, porque 1,3% de mulheres não quer dizer nada. Agora quando você fala que hoje houve um aumento de mulheres chefes de família, é uma coisa que você entende, você consegue ver na tua vizinhança, tua família, as porcentagens. O IBGE poderia estar dentro da escola, poderia ter uma cadeira ligada só a essa coisa de que é o Brasil. O IBGE faz essa radiografia do país para a gente se entender melhor como um cidadão.

“O Zelito foi muito feliz. Ele não se fixou só nos números, mas mostrou o lado humano.”

Vou te Contar - Alguma coisa te chamou muita atenção ou chegou a te emocionar, enquanto gravava o documentário?

MP – É, as situações de miséria total que a gente vive. Você vê como o Brasil realmente vai de A a Z. Você tem o rico, o mais rico e o mais pobre. A distância é muito grande, é uma coisa impressionante. A coisa dos 10% mais ricos do Brasil, que tem dois mil reais de renda familiar, isso é uma coisa muito impressionante. Então, se quem ganha dois mil reais está nos 10%, o cara que ganha hoje 100 mil, está em 0,1% e 100 mil não é o salário de um milionário! Você tem aí um jogador de futebol ou um empresário que

ganham muito mais que isso. Então, ao mesmo tempo você consegue ver que não é impossível resolver o problema do Brasil e isso tem um lado muito positivo, que me deu um otimismo muito grande. Ainda temos aí uma perspectiva positiva de Brasil, de melhorias. Foi muito impressionante para mim fazer o documentário.

Vou te Contar – Após suas andanças nas gravações, o que ficou de lição para você em relação ao que viu e sentiu das pessoas entrevistadas?

MP – Uma lição muito clara para mim foi a distância que ainda existe do discurso político para a realização social. Porque você vê que, na realidade, a nossa classe mesmo fala: “ah, nenhum político presta”. Não é verdade. Mas ao mesmo tempo a classe política está muito distante da realidade. Não é possível que um vereador não consiga fazer. Se o vereador se preocupasse em fazer com a possibilidade que ele tem de fazer como vereador. Está todo mundo querendo ter poder para ganhar um dinheirinho e dar uma enganada.

Vou te Contar – Você quer dizer que falta uma ação, um engajamento?

MP – É, falta um mergulho na coisa social de que vamos melhorar daqui a 30 anos. Tem que pensar no Brasil daqui a 30, 40 anos, para outras gerações.

Vou te Contar – Então dá para resolver, como você afirmou no documentário, em uma de suas falas. Você diz: “dá pra resolver”. Nós lhe perguntamos: o que seria preciso, na sua opinião, para resolver o Brasil?

MP – Eu acho que é isso. Primeiro é um congresso muito

difícil que a gente tem. Como você vê, os políticos, a maioria são os mesmos aí que estão vindo. Tem que ter uma renovação política e falta essa coisa mesmo do interesse social do cara fazer pela sua rua, pelo seu bairro, sua cidade e pelo seu estado.

Vou te Contar – O documentário do IBGE foi exibido pela primeira vez na cerimônia do IBGE em homenagem aos funcionários e arrancou muitos risos da platéia. O vídeo foi bastante elogiado, inclusive. Para você, o que especificamente fez esse vídeo dar certo e ter uma receptividade tão boa?

MP – Eu acho que ter colocado o Zelito Vianna foi um acerto. Porque o Zelito tem um conhecimento do Brasil muito grande. Ele tem uma vontade na hora de realizar um produto, pela experiência que tem. Ele partiu de uma coisa assim: como é que eu vou fazer que o meu amigo, que a minha empregada, que o motorista de táxi entendam o que é esse programa. Então, ele fez um programa para os brasileiros. Eu acho que o barato do programa é esse: é um filme que você pode passar em qualquer lugar para qualquer pessoa e a pessoa vai começar a refletir de uma outra maneira; vai enxergar o Brasil de uma outra forma. E ele tem isso. Pelo histórico dele como cineasta, todo o trabalho dele é ligado a alguma coisa social, tem sempre uma denúncia, uma luta por justiça social. Ele não é moderninho, mas ao mesmo tempo não é careta. Então, ele não quer mostrar serviço para ninguém. Ele está realmente interessado em valorizar aquelas informações.

Vou te contar – Um apaixonado pelo que faz, você quer dizer.

MP – Apaixonado pelo Brasil! E isso o próprio histórico dele fala.

O fato de ele ser meu pai é uma sorte para mim. Mas eu estou vendo mais por esse lado. Eu acho que foi um acerto do IBGE ter escolhido ele, porque ele deu uma cara séria ao programa, sem ser careta. Ele é sério, mas é divertido, tem humor, como é o Brasil, quer dizer, os problemas têm que ser vistos pelo lado do humor também.

Vou te Contar – *E o seu contato corpo a corpo com a população? Como é que você viveu essa experiência?*

MP – Olha, por conta da novela, teve um assédio muito maior. Mas as pessoas são muito carinhosas. Eu acho que aquela coisa do Guma, de ser um pescador, uma liderança, querendo formar uma cooperativa e virou prefeito da cidade, tudo isso acabou ajudando de alguma forma o IBGE. Foi muito gostoso. Acho que todo mundo que fez o programa adorou. As viagens eram ótimas. O astral era muito bom da equipe. Isso é uma outra coisa. O Zelito é um cara muito engraçado, bem humorado, relaxado e gozador. Então, o programa tem um pouco essa coisa da gozação, esse humor que tinha no trabalho.

“O IBGE nos ajuda a refletir o Brasil, a interpretar os números e parar para pensarmos: sim, 95% das crianças na escola, mas que escola? O brasileiro vivendo mais, mas que velhice? Esse documentário nos leva a refletir sobre que país é este.”

Vou te Contar – *Mas esse contato com as pessoas do povo não é novidade para você.*

MP – Eu sou um cara popular. Eu tenho uma fazenda, onde eu convivo com muita gente, Eu frequento lugares, não vivo numa redoma. Eu vou para a rua, ao Maracanã, à feira. Eu falo com as pessoas, me relaciono com elas.

Vou te Contar – *Mas isso que você conseguiu é muito difícil. Ser uma pessoa pública e ao mesmo tempo ter esse contato de forma natural.*

MP – É, mas eu não sei como seria diferente, porque eu sou assim. Eu acho que é o meu jeito. A vida para mim é muito simples. As coisas são simples. Os problemas, todo mundo tem problemas, independente da classe social que a gente vive. Então, não vejo nenhuma diferença.

Vou te Contar – *Mas isso é uma coisa vista mais pelo público, nós nos deixamos levar por isso.*

MP – É, mas eu acho que não, eu acho que eu sou mais a cara do IBGE (risos).

Vou te Contar – *Marcos, qual foi o dado mais gritante para você, uma vez visto no papel, em números ou tabelas, e depois vivenciado na prática?*

MP – Mulheres chefes de família, hoje. É impressionante. Todo lugar que a gente ia, tinha mulher que o marido largou ou mulher que sustenta o marido que está aposentado ou o marido que não consegue emprego e a mulher se vira e tem quatro empregos, entendeu. A mulher “rala” e mostra que realmente tem uma capacidade de produção muito maior que a do homem, eu acho. Eu vejo pelos índios. O grande trabalho para o homem, entre os índios, é sair para caçar. Mas quem

trança, quem pinta, faz as panelas, cozinha, faz o trabalho da formiguinha é a mulher. O homem, eventualmente, tem aquela coisa mais braçal, da força. Então, eu acho que a sociedade é um pouco o reflexo disso.

Vou te Contar – *Mas, no caso, sem ser índio, tem um lado negativo para o homem. Você não enxerga assim?*

MP – Mas foi o homem quem construiu isso! O homem é que foi um idiota de achar que o machismo poderia superar, por ele pagar ou bancar a mulher em casa. Hoje não tem mais isso. Tem um lado do homem sair perdendo de alguma forma, mas uma hora vai achar o equilíbrio. A mulher já esteve bem por baixo. Agora, está na hora de a mulher ficar um pouco por cima para ter esse equilíbrio.

Vou te Contar – *Mas e a questão de a mulher estar mais no mercado de trabalho porque o salário dela é mais baixo? No final, seria algo prejudicial para a mulher e também para o homem, sem trabalho?*

MP – Mas aí as mulheres também têm que reivindicar uma posição melhor. Eu acho que, na verdade, não há falta de trabalho. Os empregos é que estão errados. Por exemplo, uma fábrica não pode mecanizar, porque senão vão ter 100 pessoas desempregadas. Mas pega essas 100 pessoas que estão desempregadas e coloca para fazer jardinagem, porque o que falta é distribuição de tudo, de emprego, dos salários. Existe uma desigualdade salarial muito grande.

Vou te Contar – *Distribuição de renda.*

MP – Exatamente. É a distribuição de renda. No fundo, tudo é fruto disso. É uma sociedade desigual.

Com a chancela da ONU



Fotos: Alvaro Vasconcellos

A representante do FNUAP no Brasil, Rosemary Barber-Madden, afirma que o Fundo logo se interessou em conhecer a experiência inédita do Censo Comum no Mercosul.

O Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP) assumiu o grande desafio de contribuir para a redução da pobreza no Brasil e apostou no Censo Comum no Mercosul para ajudar nessa empreitada. A idéia é que uma base de dados única, gerada pelo projeto, possibilitará o acompanhamento da realidade social e econômica do país e a tomada de decisões no sentido de reverter a situação.

Se o desafio é grande, não falta quem nele acredite, como a representante do FNUAP no Brasil, Argentina e Uruguai, Rosemary Barber-Madden. Ela não só acha que a parceria tem tudo para continuar dando certo, como explica em detalhes a atuação do Fundo, além de falar sobre acordos, apoios e financiamentos que levam a chancela do organismo da ONU e do IBGE.

Grandes parceiros

No final deste ano, quando receber os relatórios enviados pelos países participantes do projeto Censo Comum no Mercosul, Rosemary vai confirmar seus prognósticos na época em que o Fundo decidiu apoiar um projeto inovador, único e sem precedentes em outros continentes. “A idéia de se fazer um censo comum não é muito comum. Eu não conheço na América Latina ou na União Européia projeto igual. Não existe em lugar algum. É a primeira experiência mundial a qual logo nos interessamos em conhecer”.

Rosemary aponta 1997 como o primeiro ano em que o Fundo se dispôs a dar suporte ao projeto Censo Comum no Mercosul. “Prestamos apoio para que os representantes de cada um dos países envolvidos pudessem sentar e discutir a definição de metodologias, nomenclaturas, novos itens e perguntas para os questionários etc”.

O apoio financeiro não se restringe apenas à destinação de verbas para execução do projeto, mas também a atividades paralelas que, de alguma forma, estão ligadas a ele. A ajuda pode vir, por exemplo, sob a forma de verba para subsidiar seminários, visita de técnicos, workshops e outras ações. “Às vezes, ajudamos assim: vai haver um treinamento em tal lugar, então bancamos a ida de técnicos para participar e depois partilhar experiências. Há pouco tempo

demos suporte a um encontro de um grupo de trabalho na Argentina que se reuniu para discutir o pedido de verba ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)”. Rosemary está se referindo à reunião do Grupo de Planejamento, Supervisão e Controle do projeto censo comum, realizada de 6 a 8 de agosto, em Buenos Aires. Na ocasião, foram definidas algumas propostas como, por exemplo, a construção do banco de dados em comum e o desenvolvimento de metodologias das áreas temáticas que seriam encaminhadas ao BID.

Segundo ela, a cada quatro ou cinco anos, o Fundo elabora um programa de cooperação multi-setorial em parceria com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. O mesmo programa, com objetivos diferenciados por conta das particularidades, é implementado em mais 139 países, também com a ajuda dos respectivos governos.

Após ser discutido e fechado, o programa deve nortear as atividades do Fundo e a aplicação dos recursos no período que estiver em vigor. Já foram cumpridos dois programas bem-sucedidos com a chancela FNUAP e IBGE, um aplicado de 1991 a 1997 e o outro, de 1998 a 2001.

O terceiro programa entrou em vigor este ano e se estenderá até 2006. Reflete a visão otimista da ONU em relação ao Brasil, pois aponta avanços significativos do

país na área social e, principalmente, por se tornar capaz de oferecer cooperação técnica no tema população e desenvolvimento. Diante desta constatação, o novo programa aplicará recursos, tanto os já disponíveis como os angariados, para promover a autonomia e sustentabilidade do Brasil nas questões populacionais.

Abrangendo áreas diferenciadas, o programa divide-se em três subprogramas: “saúde reprodutiva”, “população e desenvolvimento” e “cooperação sul/sul”. O segundo e o terceiro têm a participação do IBGE.

Questões de população

“População e desenvolvimento” pretende contribuir para resolução das questões de população ao formular e planejar políticas públicas, tendo como objetivo principal reduzir a pobreza e promover a cidadania. Para alcançá-lo, é imprescindível o apoio a grupos de trabalho, estudos e análises na área de população e desenvolvimento, daí o apoio incondicional ao projeto Censo Comum no Mercosul.

O projeto do censo comum é considerado não só privilegiado pela qualidade da harmonização das estatísticas produzidas pelos países participantes, mas pelo fato de poder auxiliar os governantes a definir a problemática de pobreza através do acesso à base de dados comum – ainda em fase de construção - o produto mais esperado do Fundo e dos países envolvidos no projeto.

E não apenas os países participantes do censo comum vão se beneficiar do apoio, mas cerca de 150 países que há dois anos assinaram a chamada Declaração do Milênio – um documento datado de agosto de 2000, em Nova Iorque (EUA) na reunião

chamada “Cúpula do Milênio das Nações Unidas”, onde estão definidos princípios e objetivos a serem seguidos por todos que assinaram. A diminuição dos índices de pobreza no mundo é um deles, senão o mais importante e urgente. “Firmamos o compromisso de reduzir a pobreza da faixa de população mundial que vive com menos de um dólar por dia e a faixa que vive com menos de dois dólares por dia”, esclarece Rosemary.

Para ela, os governos sabem quantos vivem nos bolsões de pobreza, mas quando é preciso saber informações no menor nível geográfico, todos procuram pelos dados do Censo. “Sabemos, a grosso modo, quantos são pobres, mas quando precisamos saber nos níveis subregionais, os dados do Censo são essenciais”.

Certo é que um banco de dados com informações censitárias poderá ajudar os governos na preparação de seus próprios relatórios elaborados para medir índices de pobreza e a situação social do país, levando em conta, disparidades entre homens e mulheres, rendimento e questões de vulnerabilidade, tão importantes na opinião de Rosemary. “Através do projeto censo comum, será possível entender os problemas que tornam um subgrupo de população mais vulnerável do que era há cinco anos, por exemplo”.

Rosemary vai além ao elogiar a capacidade do projeto em promover a capacitação entre os institutos de estatística envolvidos. “Não é o Chile que detém mais conhecimentos que o Brasil ou o Uruguai, por exemplo, mas um grande grupo que se reúne para trabalhar, definir problemas e soluções e multiplicar as informações. Além do mais, os próprios institutos sempre disseram que não é um país que domina as discussões e sim que cada um se beneficia delas ao seu modo”.

Com o projeto, cria-se a chamada cooperação horizontal, na qual se iguala o conhecimento de todos os países envolvidos. “O Censo no Mercosul faz com que entendamos os problemas que ocorrem do outro lado da fronteira, no país ao lado. Não foi o Brasil, por exemplo, que sozinho tomou a iniciativa de fazer o escaneamento dos questionários de outros países, mas o grupo em conjunto que definiu prioridades e decidiu. Se alguém tivesse certa vantagem para realizar algum trabalho, podia compartilhar com os colegas de outros institutos”.

As atividades desenvolvidas com o apoio do FNUAP também são importantes na medida em que proporcionam o aumento de conhecimento e sua difusão nas equipes técnicas envolvidas, em relação à incorporação de novas metodologias de captura, crítica e imputação de dados. “Nossa estratégia de assistência foi potencializar as experiências adquiridas pelos países. O projeto é um empreendimento conjunto que testa e potencializa a experiência acumulada em cada um dos países membros”.

Ela aponta importantes resultados não previstos que vêm sendo registrados desde o início dos trabalhos em 1998 como, por exemplo, “a socialização dos avanços tecnológicos, a disposição de todos para o trabalho em conjunto e a capacidade de aproveitar experiências valiosas de outros países”. E prevê a modernização do IBGE como fruto do efeito multiplicador positivo que tem o desenvolvimento compartilhado de novas metodologias nas operações censitárias de 2000 em diante, já que poderão ser utilizadas em outras pesquisas da casa como Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF).

Cooperação que é 100%

O outro subprograma que faz parte do terceiro programa entre o FNUAP e o governo brasileiro, e que também conta a participação do IBGE, é a chamada cooperação sul/sul. “Trata-se de uma parceria em que o financiamento é 50% pelo FNUAP e outros 50% a cargo dos países envolvidos”.

Idealizado entre o Brasil e países da África e América Latina de língua portuguesa, o subprograma tem como objetivo contribuir, através de pequenos projetos de cooperação técnica, para os esforços de desenvolvimento de tais países.

Com o apoio de instituições governamentais e não governamentais, a cooperação tem uma lista de prioridades, que, segundo Rosemary, são diferenciadas para cada país. “Por exemplo, El Salvador e Guatemala, que estão saindo de guerras civis, não puderam realizar censos adequados. Agora é a hora de fazer um planejamento para pelo menos ser possível fazer uma contagem das populações”.

O que já foi feito

Não só informado, mas também engajado nas atividades relativas ao programa de cooperação, o FNUAP participa ativamente de todas as etapas do processo, seja enviando representantes para participar das reuniões, seja recebendo relatórios das instituições envolvidas. “Nós nos engajamos e cobramos retorno também. Qualquer apoio estrangeiro tem que ter um relatório anual e uma avaliação final. Há casos em que mandamos um avaliador de fora, independente, para fazer uma análise neutra”.

Rosemary adianta que desde que o FNUAP iniciou o programa de cooperação no Brasil, só colheu louros e ressalta que acordos com instituições



De acordo com Luiz Antonio, o FNUAP financia um projeto do DEPIIS desde 1994 sobre projeções de estimativas de população.

brasileiras remontam a outras épocas. “Desde 1994, o Fundo financia um projeto do Departamento de População e Indicadores Sociais da Diretoria de Pesquisas do IBGE (DEPIIS) que já foi renovado duas vezes por ter dado certo”.

De acordo com Luiz Antonio Pinto Oliveira, chefe do DEPIIS, o projeto, intitulado “Monitoramento da evolução da população: uma proposta de modernização do sistema de projeções e estimativas para o país e pequenas áreas”, tratava do desenvolvimento de metodologias de projeções e estimativas de população. “Nosso pessoal que trabalhava com dinâmica demográfica e projeções começou a desenvolver novas metodologias em conjunto com técnicos de outros centros de pesquisas e universidades. Um sistema de projeções de população para o IBGE foi, então, sistematizado e consolidado”.

Após a consolidação, o sistema foi incorporado a todas as unidades do IBGE para se iniciar o processo de multiplicação. “O projeto durou de setembro de 1994 a junho de 1998 e a partir daí até 2001 organizamos o moni-

toramento, treinamento e capacitação de técnicos de órgãos de pesquisa e estatística estaduais”.

Com o apoio do Fundo, o DEPIIS ministrou cursos sobre dinâmica demográfica, metodologias de projeções e estimativas e atuou como multiplicador da base metodológica anteriormente criada. “O papel do Fundo foi importantíssimo, não só pelo apoio financeiro, mas também pela credibilidade, já que ter um projeto com o seu respaldo ajuda a abrir portas”, acrescenta Luiz Antonio.

Outro projeto financiado pelo Fundo foi a publicação “A Situação da População Mundial – 2001”, também em parceria com o DEPIIS.

Lançada no ano passado, a publicação traz dados anteriores ao Censo 2000 sobre o tema população e meio ambiente. Segundo Rosemary, a idéia é lançar uma a cada ano, correlacionando população e outros temas. “Desde a Conferência do Cairo, vêm sendo definidas questões populacionais e sua inter-relação com outras áreas como saúde, educação, gênero, saúde reprodutiva e família. Daí ter saído a primeira, abordando população e meio ambiente”, finaliza Rosemary.

A preparação do Censo 2010 já começou

Desde janeiro de 1999, Sérgio Besserman está à frente do IBGE no cargo de presidente da instituição. Os quase quatro anos de seu mandato correspondem a momentos cruciais do Censo Demográfico 2000. Da realização do Censo Experimental, em 1999, passando pelas últimas decisões de planejamento e aperfeiçoamento da operação, até a operação censitária em si, iniciada com a coleta em agosto de 2000.

Todos estes passos foram fundamentais para que o empreendimento do Censo obtivesse sucesso. Um sucesso acompanhado de perto pelo próprio presidente nos anos seguintes, quando foi a vez dos primeiros resultados preliminares, em dezembro de 2000,

até os Resultados Definitivos do Universo, em 2001.

Os resultados não se esgotam e estão sempre gerando novas informações, como o brasileiro pode observar. E Besserman representa o IBGE em todas estas etapas. Aos 45 anos, ele não perde de vista os frutos que o Censo Demográfico ainda é capaz de oferecer à sociedade. Sabe que a experiência do Censo foi fundamental para a afirmação da credibilidade das pesquisas, para a consolidação da imagem do IBGE diante dos cidadãos e para o cumprimento da missão da instituição.

O presidente, que esperava trazer ao IBGE inovações operacionais na área executiva,

baseado em sua experiência como diretor-superintendente de Planejamento, chefe do Gabinete da Presidência e gerente do Departamento de Planejamento no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), teve surpresas ao chegar à instituição. Percebeu que o IBGE não só estava plenamente capacitado neste setor, como ainda descobriu o potencial humano, os talentos de muitos servidores que sustentam a instituição. O aprendizado entre os ibgeanos foi enriquecedor e entusiasmo o presidente a considerar, de peito aberto, participar de mais um Censo Demográfico. Mesmo porque, para ele, a preparação do Censo de 2010 já começou.



Foto: Alvaro Vasconcellos

Sérgio Besserman se surpreendeu ao encontrar um IBGE com um grande potencial humano e capacidade operacional.

Vou te contar – *Após a divulgação dos Resultados do Universo do Censo 2000, da Tabulação Avançada da Amostra e de muitos outros produtos baseados em dados do Censo, como o Senhor avalia o reflexo destes resultados na sociedade?*

Sérgio Besserman – Eu creio que o Censo 2000 desempenhou um papel extraordinário nestes anos em que continuamos a construir a democracia no Brasil. Para isto, foi fundamental a alta qualidade do trabalho do IBGE, de cada um dos servidores, de cada indivíduo direta ou indiretamente. O fato de a sociedade saber que receberia esse retrato amplo a partir de um conjunto de informações produzidas com o Censo e com esta qualidade que nós apregoamos e demonstramos, somado a uma demanda muito grande por parte da população brasileira por conhecer o País, fez com que o Censo fosse um momento efetivamente muito marcante dessa transformação por que estamos passando.

Vou te contar – *Não apenas em relação aos resultados, mas no que diz respeito a toda a operação censitária, houve alguma surpresa?*

Besserman – Uma operação tão extraordinária e tão complexa quanto a do Censo 2000 nunca ocorre sem surpresa. Então, mesmo antes dos resultados, em todas as etapas, fosse durante todo o ano de 1999, 2000, 2001 e ainda em 2002, nós sempre temos alguma surpresa. Nos resultados propriamente ditos, as séries se demonstraram muito consistentes, inclusive com o que esperávamos a partir das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios realizadas.

O espaço que a imprensa escrita, televisiva e o rádio dedicaram e continuarão dedicando ao Censo 2000 é enorme e decorre em parte da qualidade da oferta – da produção estatística do IBGE e do Censo em especial e da qualidade do nosso trabalho de disseminação. Mas o principal não está na oferta: embora uma oferta de qualidade seja uma condição necessária, o principal está numa demanda por parte dos clientes da

mídia por informações que retratem adequadamente a realidade do Brasil. E isto foi tão grande, basta ver o volume de notícias e o tempo que foi dedicado ao Censo na televisão. E como isto demonstra o interesse da população e da sociedade brasileira. Este interesse extraordinário demonstra o respeito pela qualidade do trabalho do IBGE.

Vou te contar – *Existe algum tipo de mudança na sociedade que o Senhor apontaria como impacto do Censo Demográfico?*

Besserman – O primeiro impacto do Censo é intangível, mas nem por isto menos importante: é o enorme interesse da sociedade. Para mim, este é o fenômeno mais marcante do Censo 2000, e cada um de nós deve ter clareza de que ele tende a continuar, na medida em que continuemos a ofertar produções estatísticas e geográficas, informações que retratem o Brasil num país que está construindo a democracia e, simultaneamente, aumentando seus níveis de escolaridade, conhecimento e cultura por parte da população. Isto tende a continuar e faz com que cada um de nós do IBGE nos sintamos simultaneamente muito felizes por estarmos fazendo muito bem nosso trabalho e pelo trabalho estar sendo recebido tão bem pela sociedade. Ao mesmo tempo, desperta em nós um senso de responsabilidade que deriva da consciência do papel que retratar o Brasil está desempenhando neste momento da vida brasileira.

Vou te contar – *Você mencionou a questão da consolidação da democracia no País. Como o Censo contribui neste processo? Você acredita que a desagregação*

dos dados facilita decisões nas políticas públicas e nas reivindicações locais?

Besserman – Eu já falei dos aspectos intangíveis. Mas há os aspectos tangíveis do ponto de vista das políticas públicas, sim. Políticas públicas municipais, estaduais e de vários ministérios do governo federal têm utilizado as estatísticas do IBGE crescentemente, como no Plano Pluri-anual do governo, por exemplo.

Mas eu diria de novo que mais importante ainda do que os executores de políticas públicas utilizarem as estatísticas para aumentarem sua eficiência, focando melhor as políticas que são feitas de modo a atingirem o universo de cidadãos que se busca atingir – mais importante do que isto é que a nação brasileira, em todos os níveis, também esteja utilizando as estatísticas para cobrar performance das autoridades e das políticas públicas.

Concordo com a necessidade de as políticas públicas focarem melhor seu alvo, mas muito mais importante que isto é que o alvo – que é o povo – foque adequadamente a política pública; que a população tenha os instrumentos necessários para cobrar eficácia, eficiência, resultados. E isto, nossas estatísticas também estão oferecendo.

Vou te contar – *É a importância das informações desagregadas...*

Besserman – Na década de 70, havia uma frase que ficou consagrada e que continua verdadeira, que dizia: “Pensar global, agir local”. Tenho insistido na idéia de que nos dias de hoje ela tem que ser complementada. A frase correta de hoje seria “Pensar global, agir local e pensar local, agir global”, porque há muitos assuntos globais na eco-

“Concordo com as necessidades de as políticas públicas focarem melhor seu alvo, mas muito mais importante que isto é que o alvo - que é o povo - tenha os instrumentos necessários para cobrar eficiência.”

nomia, no meio ambiente, nas relações internacionais que afetam a vida do cidadão no seu município, no seu distrito, no seu bairro.

Isto é possível porque nossas estatísticas são disponibilizadas para o grande público, com alto nível de desagregação e fácil manuseio, através de produtos como o Estatcart, o Banco Multidimensional de Estatísticas e de outros instrumentos. Assim, não apenas o IBGE mas outros usuários (as prefeituras, pesquisadores acadêmicos, ONGs e os governos) podem ter um retrato que facilite tanto o “pensar global e agir local”, ou seja, as políticas voltadas para objetivos macro, quanto o contrário, “pensar local e agir global”, que é averiguar o que está se passando do ponto de vista local. Sem perder de vista que o “local” está relacionado a processos globais econômicos, políticos e ambientais.

Desta maneira, é possível utilizar estas mudanças concretas na vida das pessoas e no território como argumento ou conhecimento adicional para redefinições das grandes políticas dentro do Brasil e no plano mundial.

Vou te contar – *É possível apontar reflexos do Censo brasileiro no mundo?*

Besserman – Sempre é possível, porque o Brasil representa

um grande papel na América do Sul em termos de economia, território e população. Mas também foi marcante o fato de termos trabalhado na direção de um aumento da comparabilidade do nosso Censo com os demais censos da América do Sul. Isto tem sido registrado e utilizado na América Latina, nos fóruns internacionais – como as estatísticas das Nações Unidas. Além disto, essa experiência marcante de um Censo no qual a população em sua imensa maioria se prontificou a colaborar, juntamente com o interesse pelos resultados, tudo isto tem sido objeto de muito interesse na comunidade estatística internacional.

Vou te contar – *Recentemente, você declarou que a neurose de um país é aquilo que ele tem de mais óbvio e não consegue enxergar e, no caso do Brasil, nossa neurose seriam as desigualdades. Com base na mesma analogia, existiria algum caminho que pudesse ser apontado como uma possível cura desta neurose?*

Besserman – De fato, é uma analogia interessante notar que um indivíduo tem muita dificuldade para ver o óbvio, para ver sua neurose. A cegueira sempre recai sobre o objeto que a gente não quer enxergar. E isto também é válido para as sociedades. No caso da sociedade brasileira, é esta extraordinária desigualdade que não queremos enxergar, sob qualquer um dos recortes: não apenas a distribuição de renda, mas também a desigualdade regional, a desigualdade de gênero e a desigualdade mais perversa de todas, que é a cor da pele. E como se cura uma neurose? Enxergando, assumindo, sabendo que não basta descobrir para se livrar daquela realidade, tornando-se consciente

de seus atos como algo que lhe é constitucional. O fato de nos tornarmos, como sociedade, mais conscientes de nossa desigualdade – dessa desigualdade absurda e intolerável – não basta para eliminá-la. Porém, é indispensável que nós, agora mais conscientes, tenhamos capacidade de enfrentar o problema. Nós temos que enfrentar a questão da desigualdade.

Vou te contar – *E qual o contexto do IBGE nesta situação?*

Besserman – Acho que cada servidor deve se orgulhar do fato de que nossa missão, retratar a realidade brasileira, está no cerne deste processo de aquisição de consciência e através dela iniciar ou acelerar um processo de transformação, que será vital que ocorra nos próximos anos. Senão, ficamos sob o risco de acontecer conosco o que acontece com os neuróticos que não enfrentam seu problema, que é nos adoentarmos.

Estamos dando um passo sem volta, que é a sociedade olhar e encarar a desigualdade. E o IBGE está no centro desse processo. Não pode existir uma missão mais importante que a do IBGE. O problema é que quando a gente dá este passo, o recuo é impossível. Já podemos ver sintomas da nossa neurose, como a violência. Se o problema não for enfrentado, ele se tornará insuportável e será fator de rupturas no nosso tecido social e político.

Vou te contar – *Nesses anos à frente do IBGE, tomando parte da maior operação censitária do País, o que Senhor pode dizer das lições que aprendeu com o Censo?*

Besserman – Aprendi muito nesta minha experiência profissional no IBGE. Desde aspectos da atividade executiva, passando pela experiência de mobilizar 230 mil

pessoas para a realização do Censo, mas também para além disto e para além do que tenho aprendido com as estatísticas em si e com os resultados do Censo, vivi muito mais. No Censo, aprendi lições de humanidade com funcionários do IBGE em todo Brasil. A oportunidade de ter contato profissional e pessoal com milhares de pessoas voltadas para a realização de uma mesma atividade – o Censo, cada uma com suas peculiaridades regionais, num contexto de escassez de recursos, é uma lição inesquecível. Só poderia ser substituída por estar aqui para fazer o Censo de 2010.

Vou te contar – *Este é o último ano do governo atual. Caso Senhor seja presidente novamente...*

Besserman – Sou um servidor público e continuarei sendo um servidor público, mas obviamente não tenho comando sobre qual será minha vida profissional no próximo ano. Estar na presidência do IBGE é uma bênção. Por dois aspectos: não existe nada mais abençoado do que ter como missão retratar a realidade brasileira no exato momento que a sociedade brasileira quer ver o retrato, quer se conhecer.

Mas o outro aspecto é que é fascinante: estar numa instituição cujos projetos de trabalho nunca se esgotam. Fico entusiasmado ao ver os projetos que temos para os próximos quatro anos. São projetos concretos, em todas as áreas. Então, depois de quatro anos, em vez de pensar no que já aconteceu, penso no que há por acontecer. Ao avaliar o que seria continuar no IBGE, meu coração se entusiasma com estes projetos, com a idéia da oportunidade de aprender ainda mais do que aprendi durante estes quatro anos.

Vou te contar – *Tendo esta oportunidade, o que faria diferente no próximo Censo e nos próximos anos?*

Besserman – Ainda temos muitas coisas por decidir e, entre elas, o Censo Agropecuário, decisões sobre a contagem populacional e sua organização. E ainda temos que nos debruçar sobre a experiência do Censo 2000, não apenas quanto a sua realização prática e a seus resultados como também em relação a como a sociedade os tem recebido, para em seguida iniciarmos o processo de planejamento e de mudanças que devem ocorrer no próximo Censo.

Não se trata de deficiência do Censo, mas do fato de que, na medida que a sociedade muda, as perguntas, os questionamentos devem acompanhar estas mudanças. Não apenas questões como a da cor, mas até mesmo a relação entre questionário da amostra e o básico, na medida em que um número maior de homens se definiu como responsável pelo domicílio e isto, junto com o fato de haver poucas perguntas em relação ao restante dos moradores do domicílio, fez com que muitas mulheres protestassem, enviassem e-mail, discutissem. Mesmo não havendo problema para a qualidade estatística, houve reações nos domicílios e isto tem que ser pensado. Todo este tipo de questão tem que ser devidamente sistematizado; testes ainda precisam ser feitos e novas questões precisam ser consideradas. Posso dizer que a preparação do Censo 2010 já começou.

“Estamos dando um passo sem volta, que é a sociedade olhar e encarar a desigualdade. E o IBGE está no centro desse processo.”

Informação e planejamento: dois lados da mesma moeda

Na medida em que os resultados do Censo são divulgados, como fica a procura por essas informações nas Unidades Estaduais (UE) do IBGE? Que tipo de dado é mais solicitado e que tipo de público é o mais interessado em ter acesso a esses dados?

Pensando nessas questões, ouvimos cinco representantes de UE, que há alguns meses assumiram a chefia dessas Unidades do IBGE: Antônio José de Souza Biffi, da UE/Pará; Francisco José Moreira Lopes, da UE/Ceará; Nilton Luiz Nadai, da UE/Pernambuco; Francisco Garrido Barcia, da UE/São Paulo; e Carlita Estevam de Souza, da UE/Mato Grosso do Sul, que nos falaram a respeito da resposta do público ao que vem sendo divulgado pelo IBGE.

Nota-se que, para cada estado, diferenças e semelhanças aparecem nas afirmações de cada um deles. Mas que um único tópico amarra todas as declarações: o planejamento, como bem ressaltou Francisco Lopes, do Ceará.

Se Antonio Biffi afirma que renda é a informação mais buscada no Pará, enquanto Carlita Estevam, por sua vez, percebe que educação é o item de maior procura em Mato Grosso do Sul, verifica-se que por trás desse público interessado nos dados divulgados, encontra-se uma preocupação principal que é a de planejar primeiro, para decidir depois, com mais segurança. Confira as opiniões de cada um.

“Diariamente todos os segmentos da sociedade procuram o IBGE para obter informações do Censo. Nós temos, dia a dia, estudantes, órgãos públicos, empresários, políticos à procura dos resultados do Censo. E a forma como ele está sendo disseminado, por CD, através da internet, tem facilitado muito.

Então, hoje em dia, podemos dizer que, pelo menos no estado do Pará, a procura é grande. E a aceitação dos dados também, de acreditar efetivamente nos dados. Isso é uma coisa muito boa para nós. E uma grande vantagem foi a rapidez com que os resultados saíram. Esse foi um aspecto muito positivo, e a cada momento nós estamos soltando resultados, uma novidade, nós estamos dando uma satisfação sobre o que fizemos, com as publicações temáticas. Por exemplo, uma dia nós lançamos uma publicação com o perfil das mulheres, em outro com informações sobre idosos. Isso é muito bom.

O que nós percebemos é que todo mundo está ávido pela informação sobre renda, porque diversos estudos são feitos baseados em renda. Empresários que querem montar diversos negócios e necessitam saber o dado de renda visando ao mercado, quer dizer, como é que está aquela população para que ele possa investir ou deixar de investir. Hoje o mercado está ávido por informações, ele quer informações e na região Norte não é diferente.

Belém hoje tem uma população de aproximadamente um milhão e 200 mil habitantes, mas que congrega muito ali por ser um pólo. Assim como tem o caso da proximidade com o Amapá e a entrada da baía, da foz do rio Amazonas, então você tem ali uma concentração muito grande de pessoas, você tem uma demanda enorme. Porque o que acontece: onde estão as jazidas de minérios? No Pará. Onde ainda existe grande fronteira agrícola? No Pará. Onde existem ainda muitos recursos naturais. No Pará. Então, hoje em dia tem muita gente querendo saber sobre o Pará.”



**Antonio José de Souza Biffi –
UE/Pará**

“Os resultados do Censo 2000 na Unidade Estadual do Ceará estão sendo muito bem utilizados pelo público em geral, pelos estudiosos, pelos sindicatos e entidades de classe. A gente observa um interesse muito grande dessas informações para o planejamento, ou seja, as pessoas usam o Censo como auxiliar do planejamento.

E a Unidade Estadual tem colocado as informações à dis-

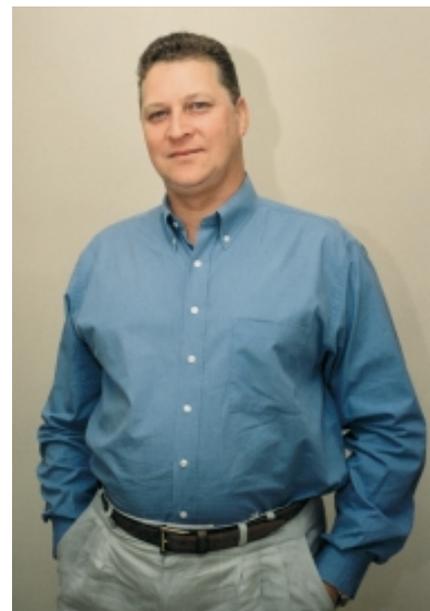
posição dessa população, através do Setor de Documentação e Disseminação de Informação – SDDI. Temos colocado informações na imprensa e isso tem elevado cada vez mais a credibilidade e o nome do IBGE. Então ficamos muito satisfeitos e esperamos que outras pesquisas também tenham semelhante desempenho no sentido de que a gente possa mostrar a realidade do Brasil e local.

Há necessidade hoje de números para uma tomada de decisão. Por exemplo, os sindicatos: eles buscam os dados em nível municipal para implementações, até para reunir seus congregados. Com isso, a gente tem disponibilizado esses dados de uma forma bastante detalhada, em nível de município, de distrito e também de bairro naqueles municípios que têm essa distribuição. Isso tem motivado bastante esse interesse.

Outra classe que tem manifestado interesse são as universidades e as escolas. Eles buscam esses dados em escala regional, tanto é que a gente pretende em breve colocar um *site* do estado para essas questões localizadas em distritos e bairros, no sentido de atender melhor nossos usuários. E o que eu tenho observado, no caso dos universitários, é que o ensino está muito direcionado para a tomada de decisões, para projetos. E para isso existe uma necessidade muito grande de se informar.

Às vezes nós somos procurados até para informações que o IBGE normalmente não tem produzido. Nesse caso, nós orientamos sugerindo outros caminhos para que eles possam ter as informações para tomada de decisões de que necessitam. Isso tem colocado muito o IBGE em evidência. Indicamos o caminho. Porque o

motivo da busca é basicamente planejamento para tomada de decisões.”



**Francisco José Moreira Lopes –
UE/Ceará**

Com a divulgação dos resultados do universo, a procura pelas informações foi muito grande, inclusive devido à divulgação da mídia local, televisão, jornal. Isso intensificou bastante a procura, acho até que se não tivesse a mídia, nós não teríamos uma procura tão intensa.

Talvez porque hoje nós estejamos localizados num prédio próximo ao Campus Universitário, então a consulta aos dados do IBGE também tem crescido. Porque os universitários são os que mais procuram, juntamente com outros órgãos de governo, a Federação de Indústria, que trabalha sempre em conjunto, a Fundação Joaquim Nabuco etc.

E o que a gente vê que eles mais procuram realmente são os dados do Censo e também a malha, que está gravada no CD-Rom, quem sabe até pela própria carência das prefeituras, dos usuários em ter

acesso a mapas atualizados. As prefeituras cada vez mais nos procuram para obter esse tipo de informação.



**Nilton Luiz de Nadai – UE/
Pernambuco**

“São Paulo, pela representatividade que tem, não poderia ser diferente e recebe uma demanda muito grande de todos os segmentos da sociedade, das administrações municipais, de jornalistas, estudantes, entidades universitárias, pelos resultados do Censo. E fora essa demanda, a gente também tem se obrigado a buscar a sociedade e a entregar esses dados. Recentemente, nós tivemos uma reunião na prefeitura de São Paulo, em que eles nos questionaram os resultados do Censo no projeto das subprefeituras, então nós estamos fazendo um trabalho de levar os resultados do município de São Paulo.

Eu diria que, de um tempo até esta data, a administração pública tem buscado bastante as informações do IBGE, outrora talvez esse exercício não tenha sido tão regular, mas hoje em dia a gente tem visto que esse setor tem buscado com

freqüência informações até para reorganizar as suas ações.

Em seguida eu diria que vem o interesse da iniciativa privada, também considerável em São Paulo, já que o poder do estado é grande na questão econômica. E junto talvez com esse interesse da iniciativa privada tem o interesse dos acadêmicos, dos estudantes, enfim.

Quanto à administração pública, antes também havia interesse pelos dados, mas não com a quantidade, com a qualidade e com esse inter-relacionamento que há agora. E isso se deve ao fato de que o IBGE nesses últimos anos tem avançado muito na sua disseminação das informações, buscando estar na mídia, levando novos resultados, até produtos novos, como foi a tabulação avançada, resultado preliminar. Isso tem despertado um interesse maior.

Então, na verdade, o IBGE já tinha credibilidade técnica, mas agora, aliado à credibilidade técnica, ele passou a estar na mídia e isso vem causando essa demanda cada vez mais crescente nas unidades.”



**Francisco Garrido Barcia – UE/
São Paulo**

“É muito boa a procura porque esses resultados do Censo têm alguns itens muito interessantes. Então, estudantes, a sociedade em geral tem procurado muito o IBGE.

E o que mais se busca é sobre quantidade de população, urbana e rural, total, por município. O índice de analfabetismo também. E basicamente os acadêmicos e estudantes de nível médio nos procuram.

A gente tem recebido, inclusive, muitos pedidos de escolas de nível médio, para dar palestras sobre o Censo, mais o lado da educação. Hoje o estado está investindo muito em educação. Um exemplo disso são as muitas faculdades que temos. E isso faz com que os governos estaduais e municipais também nos procurem muito, para saber de analfabetismo.

Também, acredito, pelo fato de o IBGE estar muito na mídia, tem sido visto de uma outra maneira.”



**Carlita Estevam de Souza – UE/
Mato Grosso do Sul**

Tabelas: dando forma aos dados do Censo 2000

Fotos: Alvaro Vasconcellos



Ataíde e Ronaldo só vêem vantagens na tabulação de dados através do programa Pegasus.

Fazer tabelas não é tarefa tão simples quanto parece. Requer atenção, observação e conhecimentos do programa Excel. São várias as etapas por que passam até adquirirem a forma final. No caso do Censo 2000, o processo de elaboração das tabelas de resultados inicia-se na Gerência Técnica do Censo Demográfico (GTD), especificamente na Gerência de Tabulação de Dados, e termina na Gerência de Editoração (GEDI) do Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI), passando pela Diretoria de Informática (DI).

Para Maria de Fátima Lobo Augusto, gerente responsável pela tabulação dos dados do Censo 2000, apresentar um dado numa tabela é uma das maneiras de oferecer ao usuário uma forma organizada dos resultados de um trabalho que começou na coleta, para que consiga consultar de modo fácil e rápido as variáveis que lhe interessam.

A partir do conjunto de normas de apresentação tabular formulada pelo IBGE com base nas normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), a gerência de Maria de Fátima prepara a proposta do plano

tabular constituído de tabelas e sugestões vindas das áreas envolvidas na crítica dos resultados do Censo 2000. “Eu recebo as sugestões de como o plano tabular deve ficar. Ele, então, é gerado, sendo um desenho em Excel de como serão as tabelas da publicação em questão”, explica Maria de Fátima. Ela acrescenta que o plano inclui ainda a forma como o dado será divulgado, ou seja, o alcance do nível geográfico e quais as tabelas que serão geradas nas publicações impressas e em CD-Rom.

Depois de aprovado, o plano tabular é enviado à Gerência de Tabulação na área de informática, chefiada por Ronaldo Mereson Wittitz e subordinada à Ataíde Venâncio, chefe da Divisão de Desenvolvimento de Sistemas Censitários da DI. “Eu preciso dizer à DI como serão as tabelas, o que elas contemplam, que tipo de dado, para que possa programá-las conforme minhas instruções”, esclarece Maria de Fátima.

Na DI, as tabelas são programadas e geradas. Semi-prontas, voltam à gerência de Maria de Fátima para, então, iniciar-se a etapa de conferência da forma e do conteúdo de acordo com o conjunto de normas de apresentação e com os resultados.

Conferidas, as tabelas são remetidas à equipe de estruturação da editoração do CDDI, supervisionada por Carmem Heloísa Pessoa e diretamente ligada à gerente de editoração, Kátia Vaz. Beth Fontoura, que faz parte da equipe e é responsável

pela estruturação das tabelas e gráficos do Censo 2000, recebe as tabelas em Excel e faz uma avaliação rigorosa, não esquecendo os mínimos detalhes.

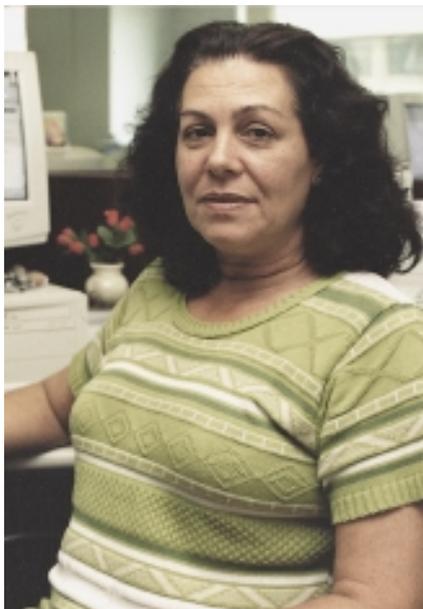
Segundo ela, o trabalho é de equipe, uma parceria entre a Gerência Técnica do Censo Demográfico, a DI e o CDDI, já que um depende do outro para que as tarefas sejam cumpridas dentro dos prazos estabelecidos. “Nosso trabalho é de vai-e-vem, estamos sempre em contato com a GTD e com a DI. Com a GTD porque eles é que mandam as tabelas e com a DI porque eles consertam erros de conteúdo”.

Tabular com tecnologia

Para Ataíde Venâncio, o processo de tabulação só teve a ganhar com os avanços tecnológicos, já que na época do programa Cobol, tabular dados era um processo complicado, lento e caro. “Quem conhece esse programa sabe como era difícil utilizá-lo pois a apresentação e a inserção de conteúdos ficavam comprometidas. Qualquer erro ficava difícil de consertar”.

No lugar do Cobol, entrou o Pegasus, um programa criado especificamente para a tabulação de dados de pesquisas produzidas pelo IBGE. Usado no Censo Agropecuário 1995/1996, Estatísticas do Registro Civil 1998 e no Censo 2000, o Pegasus é considerado um sucesso pela DI que pretende utilizá-lo nas próximas pesquisas. “O trabalho tem dado certo, por isso estamos testando a tecnologia para outras pesquisas paralelas ao Censo 2000”, adiantou Ataíde.

Para ele, a tabulação de dados desenvolvida pelo Pegasus tem vantagens que tornam o trabalho



Maria de Fátima é responsável pela equipe que prepara o plano tabular para ser enviado à Gerência de Tabulação na área de Informática.

exemplo, a definição de estilos de tabelas por parte do usuário e a interface com o programa de planilhas Excel facilitando o trabalho das outras gerências que trabalham com este formato.

Tantas vantagens aos olhos dos técnicos também ficam evidentes para o usuário quando utiliza o produto final. Feitas com precisão e técnica, por profissionais que acompanham o trabalho de perto e contam com ferramentas tecnológicas de última geração, as tabelas dos resultados do Censo 2000 resumem e simplificam a leitura dos dados. São apresentadas de modo a informar com números, basicamente. E a sintonia entre as áreas é tanta, que Ataíde, da DI, e Beth, do CDDI, confirmam: a tabela bem feita não necessita de textos explicativos, ela garante entendimento imediato da informação.

mais ágil, rápido e com menos possibilidade de erros. “Eu listo três grandes avanços proporcionados pela nova tabulação. O primeiro é a facilidade de se montar o desenho da tabela, o que antes era bem mais complicado. O segundo é a simplicidade em montar os algoritmos do plano tabular e, em terceiro, o fator tempo que foi reduzido consideravelmente”, explicou Ataíde.

Ronaldo Wittitz aponta mais vantagens no Pegasus como, por

Beth, Carmem e Kátia participam da estruturação das tabelas do Censo 2000 quando as informações chegam ao CDDI.



Missão cumprida

Quarenta e oito milhões e meio de questionários do Censo 2000 processados, escaneados, criticados e armazenados em mídia digital. A missão foi cumprida com a desativação de quatro centros de captura de dados (CCD) e a continuação das atividades do CCD do Rio de Janeiro, previsto desde o início para operar permanentemente com a Diretoria de Informática, e que agora tem pela frente novos desafios.

Sem os CCDs, não teria sido possível a divulgação dos resultados em tempo recorde. Os centros foram responsáveis pela leitura ótica dos dados dos questionários, substituindo o trabalho de digitação. Esta novidade, além de conferir mais agilidade, reduziu a margem de erros e, com isto, aumentou a confiabilidade dos resultados.

O encerramento dos CCDs foi acompanhado da destruição dos questionários. Em Campinas, por exemplo, foram destruídas 309 toneladas de papel. A destruição faz parte da garantia do sigilo das informações censitárias. Em cada centro de captura, esteve presente um funcionário do IBGE acompanhando o processo de picotagem dos questionários. Todas estas informações foram digitalizadas na forma de imagem e encontram-se armazenadas no banco de dados da instituição.

O primeiro centro a ser desativado foi o de Goiânia, em janeiro de 2001, seguido pelos de Campinas, Campina Grande e Curitiba, desativados em julho

deste ano. O CCD de Curitiba ainda digitalizou as folhas de coleta, exceto dos estados da região Norte e do Rio de Janeiro, encaminhados para o CCD do Rio. E, enquanto se preparava para ser desativado, o CCD de Campinas também participou de várias etapas de preparo e conferência de tabelas que irão constar na publicação “Estatísticas do século XX” a ser editada em breve pelo IBGE.

Todos os equipamentos dos CCDs foram encaminhados a outras unidades do IBGE no Brasil inteiro, de acordo com o planejamento inicial – com exceção dos aparelhos de escaneamento que foram encaminhados para o CCD do Rio de Janeiro. Seu desafio é dar início ao projeto de

Gerenciamento de Documentos (GED), utilizando tecnologia digital para lidar com as mais diversas formas de documentação, seja papel, microfilme, som, imagem e outros.

Este trabalho vai muito além do simples escaneamento e leitura de informações no computador. Mais que isto, permite gerenciá-los, ou seja, categorizá-los, administrar seu uso, o espaço que ocupam e até mesmo sua segurança. No CCD do Rio também estão arquivados os dados do Censo 2000 de todo o Brasil. Outras atividades da unidade incluem a digitalização de folhas de frequência no Rio de Janeiro e a digitalização das folhas de coleta do Rio e do Paraná.

Destruição dos questionários



Fotos: Reinaldo Apolinário dos Santos

Os questionários são retirados das caixas e colocados nas caçambas.



Empilhados nas caçambas, os questionários estão prontos para serem destruídos.



Após a destruição, os questionários seguem para novas caçambas para serem dissolvidos e transformados novamente em papel.

Novos produtos de geoprocessamento

Já estão disponíveis as malhas digitais de setor censitário e a base de agregados por setor censitário, baseadas em dados do Censo Demográfico 2000.

As malhas digitais representam as linhas limites que definem os setores censitários e podem ser urbanas ou rurais. A malha digital urbana delimita subdistritos, bairros e setores censitários do distrito-sede dos 1.058 municípios que tinham mais de 25 mil habitantes em 1996. A malha digital rural representa as divisões em nível de Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação, mesor-região, microrregião, município, distrito e setor censitário.

Já a base de agregados por setor censitário traz tabelas com

dados estatísticos das variáveis contempladas nos Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000, ou seja, características da população e dos domicílios. Oferece detalhamento para setores censitários de todo o país.

Cada produto requer *softwares* específicos de leitura, de acordo com o formato dos arquivos.

As malhas digitais e a base de agregados se encontram no formato de CD-ROM, sendo que para a base de agregados por setor censitário há um CD para cada uma das Grandes Regiões. Estes e outros produtos do Censo Demográfico 2000 podem ser adquiridos na Loja Virtual, no *site* do IBGE: www.ibge.gov.br.

| Produto | Softwares |
|---|--|
| Malha de setor censitário urbano digital do distrito-sede dos municípios do Brasil: situação 2000 | AGF (Atlas GIS) Shape (ArcView) |
| Malha de setor censitário rural digital do Brasil: situação 2000 | Shape (ArcView) DGN (Microstation) DXS (AutoCAD) |
| Censo 2000 – características da população e dos municípios – Resultados do Universo: agregados de setores censitários | Excel |

Principais tendências de um país mais maduro



Depois da publicação do “Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil”, é a vez do IBGE enfatizar uma parcela da população que vem aumentando a cada Censo Demográfico: os idosos. Lançado no dia 25 de julho no auditório da Presidência, no Centro do Rio de Janeiro, o “Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil” disponibiliza informações

sobre esta população de 60 anos ou mais, que no Censo de 1991 era de mais de 10 milhões e chegou a quase 15 milhões na última década.

Com base nas características reveladas nos Resultados do Universo do Censo Demográfico 2000, o “Perfil dos idosos” destaca principalmente as condições de domicílio, situação educacional e rendimento dos idosos responsáveis

pelos domicílios em nível de Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação e Municípios das Capitais.

Participaram da apresentação dos resultados: Luiz Antonio Pinto de Oliveira, chefe do Departamento de População e Indicadores Sociais (DEPIS), da Diretoria de Pesquisas (DPE); Ana Lúcia Sabóia, coordenadora da publicação, também do DEPIS; Maria Dolores Kappel e Barbara Soares, técnicas do DEPIS, e Zélia Bianchini, diretora-adjunta da DPE.

Segundo Luiz Antônio, a publicação faz parte de uma linha de estudo das informações do Censo Demográfico 2000 voltada à análise de tendências. “Não é uma pesquisa primária, com dados puros. Procuramos estudar os indicadores, analisando os dados do Censo e conjugando-os com outras pesquisas”, explica Luiz Antônio.



A diretora-adjunta da DPE, Zélia Bianchini, participou da divulgação dos resultados do “Perfil dos idosos”.

Foto: Octales Gonzales

No caso do “Perfil dos idosos”, há também resultados do Censo Demográfico 1991, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1992 e da Tabulação Avançada da Amostra do Censo Demográfico 2000, entre outras fontes.

A escolha do tema para esta nova publicação da série segue as tendências atuais, uma vez que as atenções estão voltadas para a questão do idoso. Um exemplo é a Assembléia Geral das Nações Unidas, que realizou em Madri a 2ª Assembléia Mundial sobre Envelhecimento, em abril deste ano. No Brasil, particularmente, o idoso está protegido por políticas específicas, como a Lei n.º 8.842, que tem por objetivo assegurar seus direitos sociais.

Dentro deste contexto, a publicação chega na hora certa. “As políticas públicas devem estar atentas a estes indicadores para poderem ter a infra-estrutura necessária”, diz Ana Lúcia Sabóia. Informações que são importantes para o governo e também para a população.

“Estas publicações fazem parte de um processo de conscientização da população para a importância que tem a informação estatística no planejamento e para o bem-estar social e individual”, afirma Maria Dolores Kappel.

Este raio-X da sociedade é necessário também para IBGE, ao aprofundar o contato com os dados do Censo. Maria Dolores Kappel confirma: “O IBGE avança não só na medida que disponibiliza os dados, mas ao fazer uma primeira leitura da informação. Isso, de certa maneira, orienta o usuário e os estudiosos na área e mostra a riqueza que se tem em termos de informações”. Para a especialista em educação, o IBGE é hoje certamente um dos países



Fotos: Alvaro Vasconcelos

Os técnicos do DEPIS, Luiz Antonio Pinto Oliveira, Ana Lúcia Sabóia, Maria Dolores Kappel e Barbara Soares, e Zélia Bianchini, diretora-adjunta da DPE, participam do lançamento do “Perfil dos Idosos”.

| O Idoso em 2000 - Brasil | |
|--|--------------------------------|
| População idosa total | 14.536.029 |
| Distribuição por sexo (da população idosa total) | 54,9% homens 55,1% mulheres |
| Pessoas com 100 ou mais anos de idade | 24.576 |

| O Idoso responsável pelo domicílio - 2000 | |
|---|--------------------------------|
| População de idosos responsáveis pelo domicílio | 8.964.850 |
| Distribuição por sexo (da população idosa responsável pelos domicílios) | 62,4% homens 37,6% mulheres |
| Média de idade | 69 anos |
| Escolaridade média | 3,4 anos de estudo |
| Rendimento médio | R\$ 657,00 |

da América Latina que tem o maior banco de informações sobre o Brasil. “O número de variáveis que são investigadas no Censo Demográfico é muito rico”, acrescentou.

“É extremamente relevante que nós, técnicos e pesquisadores

do IBGE, possamos analisar estes resultados do Censo. Dentro do contexto dos indicadores sociais e demográficos, os trabalhos em série têm uma grande importância, pois começam a revelar tendências de segmentos da população”, acrescenta Ana Lúcia Sabóia.



Ana Lúcia lembra que os indicadores pesquisados no “Perfil dos idosos” são de suma importância para as políticas públicas.

Seguindo a tendência das mais recentes publicações do IBGE, o “Perfil dos idosos” é acompanhado de um CD-ROM com tabelas e gráficos para os 5.507 municípios existentes em 2000.

“O conjunto de tabelas e gráficos traz o máximo de detalhamento possível”, apontou Luiz Antônio. “A idéia é o detalhamento municipal para que se possam realizar políticas locais. É isto que torna a publicação extremamente rica”, acrescentou.

Uma faixa etária em expansão

Para a definição do conceito de população idosa, o IBGE adotou o critério da Organização Mundial de Saúde (OMS), que a define como aquela a partir dos 60 anos de idade, em países em desenvolvimento – o caso do Brasil – e a partir dos 65 anos de idade, em países desenvolvidos.

As projeções para os próximos 20 anos indicam um crescimento de mais de 100% da população idosa brasileira, que

poderá ultrapassar os 30 milhões em 2020. Ao mesmo tempo, o número de idosos em relação ao número de crianças (0 a 14 anos) está aumentando e mudando a cara do Brasil – deixamos de ser um país predominantemente jovem e damos lugar a um amadurecimento demográfico.

Associando queda na fecundidade e aumento da longevidade do brasileiro, observou-se que a população idosa aumentou de 7,3%, em 1991, para 8,6% em 2000. “Existe um contingente no Brasil de 15 milhões de idosos dos quais quase 9 milhões são responsáveis por domicílios”, diz Ana Lúcia Sabóia. Os domicílios cujos responsáveis são idosos representam 20% do total de domicílios do país.

“Estamos deixando de ser um país jovem para dar lugar ao amadurecimento demográfico. As projeções para os próximos 20 anos indicam um crescimento de mais de 100% da população.”

Entre os idosos, as mulheres são maioria: para cada 100 mulheres, há 81,6 homens. Isto se explica pelo fato de que as mulheres vivem em média oito anos a mais do que os homens, o que colabora também para que haja maior número de mulheres viúvas.

Dos idosos que chefiam domicílios unipessoais, 67% são mulheres, o que mais uma vez mostra o número de idosas morando sozinhas. A organização familiar sem o cônjuge atinge a proporção de 93%, colaborando

para a hipótese de estas mulheres serem viúvas.

O convívio de várias gerações na mesma casa também é uma tendência: 64,7% dos idosos responsáveis pelos domicílios moram com filhos e/ou outros parentes, independente da presença de cônjuge. Para Ana Lúcia Sabóia, o fato de haver grande quantidade de netos vivendo no mesmo domicílio de seus avós é cada vez mais comum: “Este contato intergeracional está se tornando mais visível na sociedade brasileira.”

Quanto à renda do idoso responsável pelo domicílio, houve um aumento de 63% entre os Censos de 1991 e 2000. Com isto, a renda média desta parcela da população subiu de R\$403,00 para R\$657,00. Para a economista Barbara Soares, do DEPIIS, o reflexo deste aumento é “a inserção mais ativa do idoso nos domicílios e a participação importante na contribuição para o sustento da família”. Isto ocorre, segundo Barbara, principalmente nas zonas rurais, devido à aposentadoria rural de que gozam muitos idosos.

A aposentadoria é a principal fonte de renda dos idosos, representando 54,1% de seus rendimentos. No caso das idosas, a maior parte da renda (80%) é proveniente de aposentadorias e pensões.

Porém, é sempre bom ressaltar as disparidades de renda. As diferenças entre os gêneros são grandes: enquanto o rendimento médio dos idosos do sexo masculino é de R\$752,00, o das idosas fica em torno de R\$500,00. O rendimento médio nas zonas rurais é de R\$297,00 e, nas zonas urbanas, é de R\$739,00. Entre as Grandes Regiões, o rendimento médio dos idosos em 2000 variou de R\$386,00, na Região Nordeste, a R\$835, na Região Sudeste.

Antigas vivências, novas exigências

Com as rápidas mudanças na sociedade contemporânea, principalmente na área tecnológica, os cidadãos se vêem obrigados a adaptar-se a novos esquemas do cotidiano, como sacar dinheiro de um caixa eletrônico, operar eletrodomésticos modernos, utilizar novos meios de comunicação (celulares, Internet, fax etc.). Para Maria Dolores Kappel, os idosos se encontram em desvantagem neste aspecto, como reflexo de um déficit educacional histórico.



Para Maria Dolores, publicações como o “Perfil dos idosos” conscientizam a população sobre a importância da informação estatística.

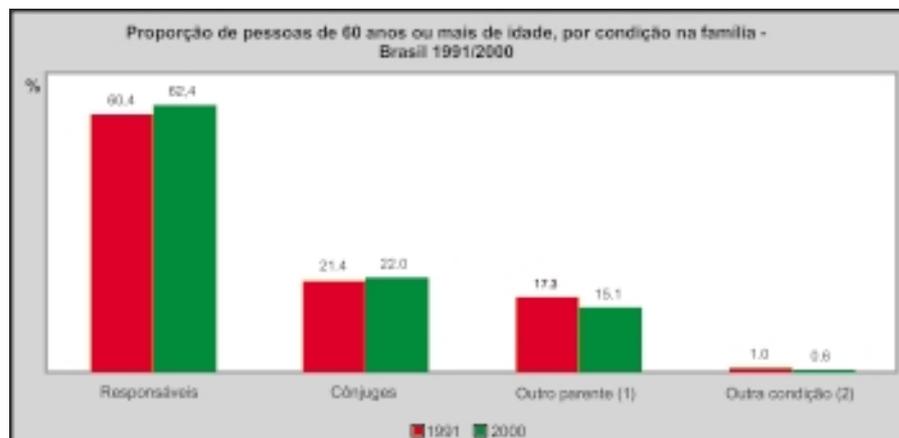
“Os idosos de hoje fazem parte das políticas educacionais da década de 30 e 40, quando o acesso à escola ainda era restrito às pessoas de melhores condições socioeconômicas”, disse Maria Dolores. “Em relação à educação do idoso, o estudo mostra que eles ainda estão em condições muito desfavoráveis. As dimensões do cotidiano apresentam exigências cada vez mais imperativas. Há uma concentração da população nos meios urbanos e é impossível não saber operar algum

meio eletrônico, desde o controle remoto de televisão até o acesso a caixas eletrônicos”.

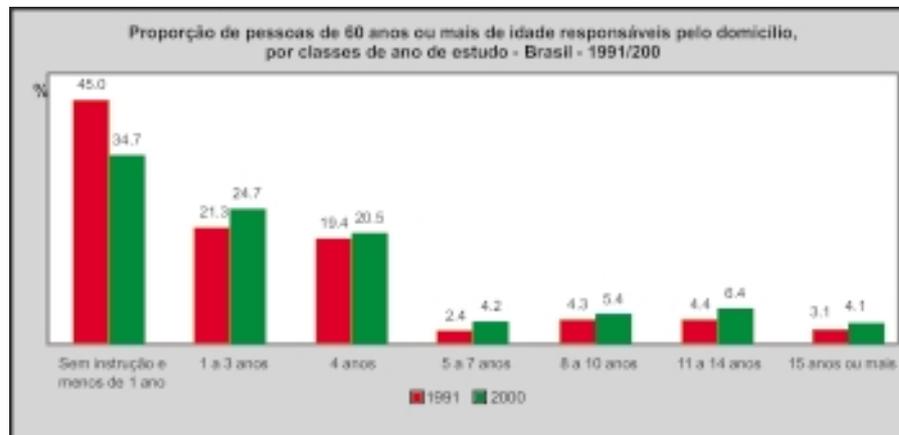
Mas o que se espera das futuras gerações de idosos é um quadro diferente. “A tendência é de que este quadro vá melhorar e de maneira muito mais rápida, porque os jovens de hoje são mais escolarizados. Esperamos que, por conta disto, tenham condição de vida melhor”, completou Maria Dolores.

Do mesmo modo, o índice de apenas 4% de idosos que possuem curso superior completo deve aumentar no próximo Censo, o que Maria Dolores faz questão de ressaltar. “A vida dos idosos hoje ainda é muito

insatisfatória”, coloca. “Muitos idosos nem têm condições de ler e escrever”. Basta ver os indicadores: o analfabetismo atinge 5,1 milhões de idosos no país – sem contar as já conhecidas diferenças regionais e entre as áreas rurais e urbanas. Isto faz com que a média de anos de estudos dos idosos de Niterói (8,2), no Rio de Janeiro, seja bem maior do que as de Barra de Alcantara e de Novo Santo Antônio, ambos no Piauí, com a menor média do país: 0,2 anos de estudo. Além disto, 59,4% dos idosos responsáveis pelos domicílios são analfabetos funcionais, ou seja, têm menos de 4 anos de estudo.



O Censo 2000 revelou que 62,4% dos idosos são responsáveis pelos domicílios brasileiros.



A proporção de idosos com escolaridade elevada ainda é reduzida, embora a situação educacional para as pessoas com mais de 60 anos tenha melhorado na última década.

Notícias do censo paraguaio



Ilustração: Luiz Agner

Seis milhões de pessoas em aproximadamente 1.300.000 domicílios, distribuídos em 220 municípios. Com base nestes números, a Direção Geral de Estatística, Pesquisas e Censos (DGEEC) do Paraguai colocou o Censo 2002 nas ruas no dia 28 de agosto – data em que foi realizada a operação de coleta – após dez anos de intervalo.

Uma megaoperação, diga-se de passagem, iniciada às 8h30, que contou com a participação de cerca de 120 mil pessoas, sendo 60 mil só de recenseadores, e que fez o país parar. Para facilitar as atividades do censo, o dia da coleta foi decretado como feriado, de acordo com a recente Lei 1.731, promulgada em janeiro de 2001.

Das 5h às 18h, o comércio e as escolas públicas e privadas mantiveram as portas fechadas. Ônibus, trens e metrô não circularam, apenas algumas linhas disponibilizaram coletivos para auxiliar no deslocamento dos recenseadores. Já os aeroportos funcionaram normalmente na tentativa de cumprir as escalas dos vôos regulares.

Com um custo de aproximadamente de US\$ 11,8 milhões, o censo do Paraguai é estabelecido como “censo de fato”, no qual são recenseadas todas as pessoas que passaram a noite anterior à coleta em algum ponto do território. Cada pessoa respondeu ao questionário no domicílio onde dormiu nesta noite, mesmo que seja outra sua residência habitual.

Segundo o presidente do DGEEC, Carlo Filippi, 99,8% dos domicílios localizados em áreas urbanas foram visitados. O censo nas áreas rurais e nas comunidades indígenas foi realizado separadamente, em outra data, terminando quinze dias após a coleta nas cidades.

Na sua opinião, o censo conseguiu alcançar o êxito esperado devido à consciência da população em receber bem os recenseadores, aliada à colaboração prestada por diversos setores da sociedade.

A divulgação dos resultados preliminares está prevista para dezembro deste ano e os definitivos deverão sair dentro de 10 ou 12 meses.

Para falar sobre a mega-operação paraguaia, a **Vou te contar** entrevistou Juana Mora, chefe do Centro de Informação Estatística do DGEEC, área responsável pela disseminação de informações, que acompanhou de perto a coleta de dados.

Juana falou das estratégias de propaganda do Censo 2002, do calendário de divulgação dos resultados, dos avanços tecnológicos incorporados à pesquisa e sobre a mobilização

da população para receber o recenseador.

O censo demográfico que parou o país no dia 28 de agosto mobilizou 60 mil recenseadores, que levantaram os dados de aproximadamente 1.300.000 domicílios. As pessoas a serem recenseadas atenderam ao pedido para permanecerem em suas casas para esperar o recenseador.

Vou te contar - *Quais as estratégias de divulgação do Censo 2002 no Paraguai adotadas pelo DGEEC?*

Juana Mora - As estratégias foram: difusão da pesquisa nos meios de comunicação da capital e do interior através de notas jornalísticas e entrevistas para rádio e TV; presença em eventos organizados por esses meios; acompanhamento dos convênios com os diferentes governos e distribuição de boletins, folhetos e cartazes. Também podemos apontar a participação na EXPO Rural 2002 e em jornadas de capacitação a jornalistas.

Vou te contar - *Em relação a avanços tecnológicos que irão impactar na disseminação dos resultados do Censo 2002,*

comparado a censos anteriores, quais a senhora poderia apontar?

Juana Mora - Entre os avanços tecnológicos, podemos apontar especialmente a difusão pela Internet.

Vou te contar - *Na sua opinião, uma campanha publicitária com anúncios em televisão, rádio, jornais e revistas é suficiente para que as pessoas tenham consciência da importância de um Censo?*

Juana Mora - Sim, e isso foi notado especialmente pelo respeito das pessoas em relação ao Censo já que no dia 28 de agosto permaneceram em casa esperando o recenseador.

Vou te contar - *Qual a sua impressão em relação à mobilização da população na época da operação de coleta?*

Juana Mora - Houve uma grande mobilização de pessoas envolvidas na operação censitária e as pessoas a serem recenseadas atenderam ao pedido para permanecerem em suas casas para esperar o recenseador.

Vou te contar - *O Censo é a maior operação do DGEEC e também a que mais merece destaque na imprensa?*

Juana Mora - Efetivamente, o Censo em nosso país foi a maior operação realizada em tempos de paz e mereceu um grande destaque na imprensa nacional.

Uma fonte chamada

Censo 2000

Há dois anos, o Censo 2000 é notícia na imprensa brasileira. Não sai das pautas das pequenas e grandes redações do país. Seus dados geram importantes notas, artigos, matérias e reportagens que ajudam a mostrar à população o retrato atualizado do Brasil.

Agora chegou a vez de perguntar a quem transforma o Censo em notícia, como é escrever sobre a maior operação censitária do país e qual a importância dos resultados da pesquisa não só para a imprensa mas para a sociedade – sua principal beneficiária. Confira as opiniões:

“O restabelecimento pleno das instituições democráticas no Brasil completou, agora em 2002, treze anos. É o tempo decorrido da primeira eleição direta para Presidente da República pós-regime militar – e, portanto, a idade da nossa democracia. Uma adolescente.

A adolescência, em seus primeiros anos, é quando se tornam agudos, para o ser humano, conflitos interiores e exteriores. Interiormente, é quando ele questiona a própria identidade, suas vocações e convicções. Exteriormente, é quando ele entra em choque com as idéias de seus tutores.

A democracia brasileira entra em sua adolescência num ano eleitoral. Vale dizer: num período especialmente propício para questionamentos internos e externos.

A Nação vai às urnas com

todos esses questionamentos: somos o país que sonhamos? Fazemos o que devemos para diminuir o abismo entre ricos e pobres? Nossa vocação é a de uma liderança democrática ou autocrática? Queremos a estabilidade da moeda a qualquer custo? O crescimento econômico deve prevalecer sobre a preocupação com índices inflacionários?

Todos os tormentos típicos da adolescência são superáveis – ensinam os psicólogos. Mas é preciso que a pessoa, em seu momento de transformação, tenha, em torno, um clima de **serenidade** e muita **informação**.

A imprensa tem um papel grandioso a desempenhar no ano em que a democracia brasileira – essa adolescente – vai escolher rumos para chegar à maioridade.

É a imprensa que tem instrumentos para levar infor-

Fotos: Alvaro Vasconcellos



William Bonner
Editor-chefe do Jornal Nacional,
da Rede Globo de Televisão

mação ao eleitor. Cabe a ela, portanto, mostrar aos cidadãos um retrato atual do Brasil - e outro, do instante em que as urnas de 1989 deram à luz nossa democracia. Os dados confiáveis para essa comparação estão nos resultados do Censo.

O Jornal Nacional iniciou, em agosto, a exibição de séries especiais de reportagens exatamente com este propósito. Toma-

dos um a um os principais problemas sociais e econômicos do Brasil de hoje, mostrar qual foi a evolução ou involução deles segundo os censos de 90 e de 2000.

Como jornalistas, nós apostamos: os milhões de brasileiros que tiverem acompanhado esse trabalho do JN irão às urnas, em outubro, com uma avaliação mais apurada dos desafios que o país tem a vencer.

Como cidadãos, nós, jornalistas, teremos cumprido nosso dever.

E, como adolescente que é, nossa democracia terá encontrado um dos requisitos básicos para superar seus conflitos: a informação.

Quanto ao outro, a serenidade de que falam os psicólogos, esperamos todos que nos seja garantida pelos atuais ocupantes dos cargos públicos - e por aqueles que os disputam no voto."



Mauro Silveira
Coordenador de Jornalismo da
Rádio CBN-Rio

Quem pode dizer realmente como é o país em que vive? Na infância, começamos a formar um conceito sobre o Brasil baseado em opiniões, impressões e, principalmente, preconceitos. A realização de um censo é a grande oportunidade de transformação de preconceitos em conhecimento concreto das várias realidades de um país com os níveis de complexidade do nosso. E para quem vive de informação, o censo traz descobertas que são, na verdade, uma fonte praticamente inesgotável de notícias.

Por suas características, o rádio é um dos veículos mais indicados para a divulgação das notícias extraídas dos relatórios produzidos pelo Censo. Informações direcionadas não apenas a intelectuais e acadêmicos, mas para uma população ansiosa por se conhecer, se identificar e participar da construção de um país mais justo. No rádio, as estatísticas ganham vida por meio de vozes que podem comprovar, com exemplos pessoais, o que números e gráficos nem sempre conseguem traduzir.

Acredito que a grande importância do Censo é promover uma apresentação efetiva do Brasil aos brasileiros. Também nos permite conhecer a visão que temos de nós mesmos e de nosso próprio povo: nossa raça, nossa religião, nossas crenças, nossas carências, nossos desejos e nossos planos para o futuro. Toda essa carga de vida real se torna muito mais atraente para os ouvintes do que qualquer obra de ficção.

Além de tudo, o Censo é um gigantesco exercício de transparência e formação de cidadania. Um instrumento que oferece a todos nós a possibilidade de sabermos quem somos e qual o nosso potencial de crescimento e realização, como cidadãos e como povo.



Flávia Oliveira
Jornalista de O Globo

No princípio, era o Censo...

Parece exagero, não? Mas é difícil imaginar qualquer atividade de planejamento, mínima que seja, tornar-se viável sem o empurrãozinho das informações do Censo. E não apenas no Brasil - em qualquer lugar do mundo.

Para medir a importância dessa pesquisa do IBGE - não apenas como fonte inesgotável de notícias para jornalistas viciados em estatísticas, mas para toda a sociedade - basta pensar a vida sem Censo. Não saberíamos sequer quantos somos, primeiro passo para descobrirmos de quanto ou do quanto precisamos.

Não imagináramos que cor temos. Que idade. Se estamos em família. Se somos sozinhos. Se vivemos no campo ou migramos para a metrópole. Se temos dinheiro, casa, água encanada, rede de esgoto, computador, telefone. Se fomos à escola e assinamos o nome.

O Brasil deve ao Censo o instrumento mais importante para transformar habitantes em cidadãos: a informação. Tomemos por base a corrida eleitoral de 2002. O desemprego é tido como o principal problema brasileiro. É o Censo que nos diz que o problema tem o tamanho de 11,5 milhões de pessoas. E, desde 2000, nos revela até mesmo

em que quarteirão elas vivem.

O Censo, por si só, não resolve. Mas é ferramenta imprescindível a quem reivindica, planeja e executa as políticas públicas que, dia desses, vão acabar melhorando as condições de vida neste imenso país.

E sabe quem vai nos trazer essa boa notícia? O Censo, também no fim...



Marcelo Beraba
Diretor da sucursal do jornal
Folha de São Paulo no
Rio de Janeiro

“Um governo do povo sem informação para o povo, ou sem os meios para que ele a obtenha, não é nada mais do que o prólogo de uma farsa ou de uma tragédia, ou talvez de ambas.

A informação deve sempre governar sobre a ignorância.

E o povo que quer ser seu próprio governante deve armar-se com o poder que a informação proporciona”.

James Madison,
quarto presidente dos
Estados Unidos

A transição do regime militar para a democracia evoluiu, no Brasil, com algumas lacunas graves. Uma delas, gravíssima, é a falta de transparência nas coisas públicas.

Embora a Constituição de 1988 garanta o direito de acesso a informações oficiais, o entendimento que ainda predomina no serviço público e entre os três poderes é o de que estas informações devem ser mantidas em segredo e divulgadas de forma restrita, como se fossem propriedades particulares ou bens de troca.

Este entendimento arcaico, que têm suas raízes na tradição autoritária, explica as dificuldades que qualquer cidadão tem para obter dados de interesse público.

O Brasil não aprovou, até hoje, uma legislação específica, como têm os Estados Unidos e vários outros países, inclusive latino-americanos, que regularmente os artigos da Constituição que garantem o direito de acesso à informação pública. Por esta razão, ficamos sujeitos a toda sorte de manipulação.

O segredo com que estes dados públicos são tratados estimula a mentira, a propaganda eleitoral enganosa e a corrupção.

A tendência das democracias modernas é a ampliação das leis e dos mecanismos que assegurem mais transparência nas coisas públicas. Estas leis e mecanismos não interessam somente à imprensa, mas são instrumentos que permitem

à sociedade fiscalizar a administração pública.

O IBGE vem sendo uma exceção no Brasil. É nítido que incorporou, conscientemente, os princípios democráticos da publicidade (artigo 37 da Constituição) e da transparência na apuração, processamento e divulgação de dados.

A ampliação e sofisticação das pesquisas, o acesso facilitado aos especialistas, a profissionalização na divulgação dos dados, o uso intensivo da Internet e de novos recursos tecnológicos, o relacionamento franco com a imprensa são avanços que demonstram uma nova forma de encarar o serviço público.

Por que outros organismos não agem da mesma maneira?

Para que a política de acesso e divulgação de informações públicas não fique na dependência do humor do administrador de turno, é necessária a aprovação urgente, como acaba de fazer o México com a sua Lei Federal de Transparência e Acesso à Informação Pública Governamental, de uma legislação própria que facilite ao cidadão comum a obtenção de qualquer documentação relativa a atividades oficiais, “ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado”.

Quando isso ocorrer, e espero que seja breve, o IBGE deixará de ser uma exceção e poderemos dizer que estamos, enfim, vivendo uma democracia para valer.

O Brasil está ficando mais maduro



PERFIL DOS IDOSOS RESPONSÁVEIS
PELOS DOMICÍLIOS NO BRASIL - 2000
Publicação com CD-ROM



Kristina Michahelles

Ilustrações: Mariana Massarani

O que está acontecendo com a nossa Terra?